

Revista da Semana



UMA GRANDE OBRA

O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunção figurada de todos. Poupa a consulta de muitos dictionarios especiaes, pois comprehende
nada menos de

30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são :

Francez-allemão
Allemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Allemão-inglez
Inglez-allemão
Allemão-italiano
Italiano-allemão
Allemão-hespanhol
Hespanhol-allemão
Allemão-portuguez
Portuguez-allemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado. mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como *obra nimamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—Alex Bruns».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira. pelo modico preço de 10\$000
Pelo correio mais 1000 réis para porte e registro

Pedidos á **Secção Editora**
do

JORNAL DO BRASIL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

RIO DE JANEIRO

Os segredos para se atrahir a felicidade nos negocios ou na familia, melhorar de posição, tirar a sorte em loteria ou no jogo, facilitar todos os empreendimentos e a riqueza !



« Os cinco livros das influencias maravilhosas que constituem o CURSO DAS SCIENCIAS PSYCHICAS, da Universidade Internacional, de que é director o dr. J. Lawrence, são obras em grande formato, com muitas gravuras e tendo cada

qual mais de quatrocentas paginas. O primeiro livro ou HYPNOTISMO AFORTUNANTE, ensina todos os systemas da arte hypnotica e suggestiva, e suas applicações para se ser feliz na vida, fazer fortuna ou ser bem succedido em tudo. Está apoiado por numerosos factos averiguados por notaveis homens de sciencias. O segundo livro ou MAGNETISMO UTILITARIO, ensina a arte do magnetismo pessoal para se ter bom exito em todas as situações, especialmente como commerciante, industrial, caixeiro e viajante de negocios; a arte de comprar, vender, estabelecer negocio, fazer propaganda; a arte do operario, etc. Ensina também a adivinhar por clarividencia ou psychometria, a subir no ar sem ponto de apoio, a andar sobre o fogo sem se queimar, etc. O terceiro livro ou OCCULTISMO PRATICO, ensina todos os systemas scientificos de feitiçaria ou magia — sortilegio, mão santa, jetatura, envotamento, vampirismo, magia do amor ou fascinação de que as actrizes se servem para conquistar millionários. Magia de boa sorte ou arte de attrahir a si, insensivelmente a dinheiro. Arte de fazer a alma sair do corpo, agir ao longe e voltar á vida normal. Os tres graus de segredos maravilhosos do occultismo dos magos do Oriente. O quarto livro ou MEDICINA MODERNA, ensina a conhecer rapidamente as molestias e a cural-a por algum dos systemas: electricidade, agua, massagem, magnetismo humano, hypnotismo, etc., Livro de alto valor, porque seus ensinios são mui praticos. O quinto livro ou SCIENCIAS SECRETAS traz a iniciação dos grandes mysterios do occultismo e da theosophia: Estar acima das afflicções; não ser surpreendido por infortunio nem acabrunhado por desgostos, nem vencido por inimigos; saber a razão do passado, do presente e do futuro; ter o segredo da resurreição e a chave da immortalidade: achar a pedra philosophal; conhecer as leis do movimento perpetuo e poder demonstrar a quadratura do circulo; transformar em ouro todos os outros metaes; domar os animaes e saber dizer as palavras que entorpecem e encantam as serpentes; falar sabiamente sobre todas as cousas sem preparos e sem estudos; conhecer á primeira vista o fundo da alma humana e os mys-

terios femininos, prever os acontecimentos futuros, domar o amor e o odio; possuir o segredo das riquezas; governar os elementos curar pelo simples contacto, etc.

Todos os cinco livros estão escriptos com clareza; acham-se já na edição do 10º. milheiro, e encerram o que ha de melhor sobre suas especialidades. São obras que interessam a todos — pobres e ricos, moços e velhos. Pelos numerosos attestados que ha a seu favor, dados mesmo por professores notaveis, comprehende-se logo que são obras sérias e de valor.

(O Malho, do Rio de Janeiro).

A collecção dos 5 custa: brochada, 50\$000; cartonada, 60\$000. Será enviada immediatamente em pacote registrado pelo correio, de maneira a não se saber o conteúdo.

« Os livros do Dr. Lawrence são uma exposição clara e eloquente das forças inviziveis que go-

vernham nossas vidas; e por praticarem seus ensinios, muitas pessoas já têm sido beneficiadas mental, physica e financeiramente. — THE NATION'S WEEKLY, importante jornal de Boston».

« As obras do Dr. Lawrence são as melhores sobre o aproveitamento das descobertas em magnetismo. — JORNAL DO COMMERCIO, do Rio de Janeiro».

« A materia tratada no livro do Dr. Lawrence é de tão palpitante interesse que basta seu titulo para recommendal-o. — CORREIO DA MANHÃ, do Rio de Janeiro».

« As obras do Dr. Lawrence, aliás já mui conhecidas nos grandes centros europeus e norte-americanos, vem de facto preencher uma grande lacuna. — O PAIZ, do Rio de Janeiro.»

« Podemos notificar aos nossos leitores, e sem receio de errar, que estas são as primeiras obras que no seu genero se publicam em lingua portugueza. E estes livros vêm preencher sensivel lacuna; porque, infelizmente, a maioria dos livros que por ali existem sobre o assumpto, apenas são farças de habeis pelotiqueiros.» Tal foi o parecer da conceituada revista de estudos psychicos A LUZ.

Cortae o seguinte coupon, e envie-o dentro de um envelope pelo correio, com a quantia de cinquenta ou sessenta mil réis, conforme o vosso desejo de que a collecção seja em brochura ou cartonada. Recomendeae no Correio que registrem vosso dinheiro pelo registro chamado VALOR DECLARADO. Não confundir com registro simples.

SRS. LAWRENSE & C.

Rua da Assembléa, 45 — Rio de Janeiro

Junto.....réis, em vale ou carta de valor registrado, para que remetam os livros que têm os seguintes titulos :

Nome.....

Rua e numero.....

Cidade, Villa ou Logar.....

Estado ou Estrada de Ferro.....

Se não puderdes dispôr de prompto da importancia total da collecção, envie ao menos 10\$000 para um dos livros em brochura, ou 12\$000 para um volume cartonado, competindo-vos neste caso, dizer o titulo do livro que escolheis.

Salve! Carnaval!!!...

AO POVO **A' FORTUNA**

E' a casa que possui o mais rico, completo e variado sortimento de todos os artigos para carnaval.

Grande e variado sortimento de setins de todas as cores e para todos os preços.

Milhares e milhares de mascaras para pierrot, clown, dominó, cêra, arame e etc.

Rico e colossal sortimento de pierrots, dominós, clowns e marinheiros.

A' FORTUNA

possue **CINCO GRANDES OFFICINAS DE COSTURAS** as quaes estão aptas a confeccionar toda e qualquer fantasia por mais difficil que seja o figurino.

Incomparavel sortimento de lhamas, gizes, chuvas, franjas, gregas, borlas e todos os mais artigos para o carnaval.

GEYSER

O mais suave e o mais inoffensivo dos lança-perfumes.

Vendas por atacado e a varejo ESTANDARTES

Este importante estabelecimento possui uma grande e bem montada officina onde são confeccionados todos e quaesquer estandartes com a maxima perfeição e brevidade e por preços sem competidor.

A' FORTUNA

offerecerá palmas e corôas de louros a todos os grupos, sociedades, ranchos ou clubs que comprarem mais de 200\$000.

Todos A' FORTUNA UNICA NO GENERO PRAÇA 11 DE JUNHO

(Este estabelecimento está aberto até ás 22 horas)

REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911
Anno XV — N° 52 — Rio de Janeiro, 6 de Fevereiro de 1915

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL

Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

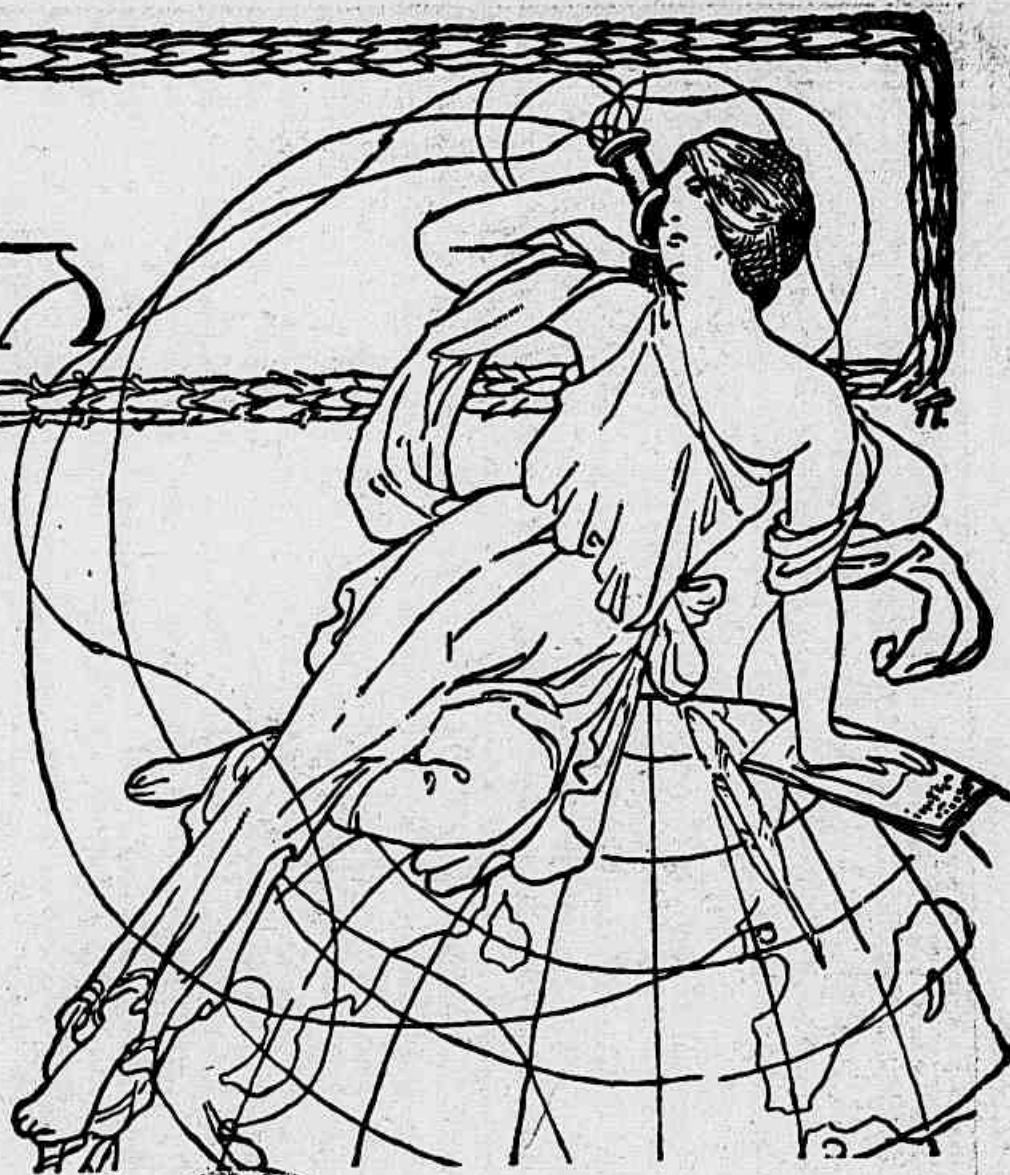
DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro :50 francos

AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



Versos do Riso

*Para o chocalho d'ouro do teu riso,
Para rimar o riso da tua bocca,
Palavras tilintando como um guiso,*

*Crystaes e flautas, passaros trinando
A' luz, champagne rutilo que espôca;
E o teu riso a vibrar de quando em quando,*

*Como tremúla uma bandeira branca
E tra la la, essa risada franca
A rir do bem, do mal, das coisas serias,
Numa alegria de estudante em ferias.*

*Riso canoro na tristeza ambiente;
E, quando te cuve rir, suppõe a gente
Que tu deves de ter; Riso que canta,
Um noivado de melros na garganta.*

Guerra-Duval.



Mrs. Leonar Thomas



Mrs. Warren

Typo de americana

INVÉRGADOS em traje de rigor, Lucio e Roberto entraram na sala semi-cheia, ladeando formosa filha da Hellade, simples e donairoza, encarnada em linhas flexuosas e impecaveis de deidade americana. Houve uma perturbação communicativa á sua entrada e passagem...

Entre os typos amegerados mettidos em saias fremiu extranho assomo de escandalo. Jamais tinham visto o

esplendor da bellesa feminina sob o feerismo das grandes seratas da Civilisação, nem mesmo referencias ao estylo em que se apresentava.

O que alli se conhecia era o gibão indigena confeccionado com sedas, rendas, bordados e lantejoilas extrangeiras, sem apuro e sem refinamento de gosto, sem arte nem gracilidade, rostaquera e desageitado! Os torax feminis afogavam-se em profusão de artificios, em uma Babel de molanhamento, até o contacto das

mandibulas, e as columnas, que os sostinham, desappareciam em atro pandemonium de magros saiotes, saias e mantos, flagrantemente avisinados dos exquisitos *balões* usados pelas figuras de Velasquez...

Nelly appareceu sem chapeu: magnifico penteado coroava-lhe a fronta assetinada, contrastando, no bri-lho lusido do azeviche, com a compleição camelial da cabecinha altiva a enrubecer nas faces. Alli não se comprehendia como uma senhora ouzasse

Mrs. C. Ackler

Mrs. Fred Lewisohn





Mrs. Thomas

sahir sem largo chapéu de profuzas plumas, ou, ao maximo da negligencia, com o chale e mantilha celtibéricos !...

Desnudas, as espaduas, recortadas segundo rigorosa curva da mais nobre fascinação plastica, ostentavam o almo encanto das filhas da America e a fronte perennal da celebridade de seus pintores.

O traço das espladas arminhosas da moça, de graciosidade assim inimitavel, parecia trabalho de paciente

Miss. Linsey



Miss. Curtis

labor de buril perito em alabastro docil: quem a visse immobilizada, negar-lhe-ia a naturalidade para afirmar ser *maquete* da perfeição sonhada. O collo e pescoço recordavam algo de uma amplificação divina dos cysnes brancos, e os seios, ao de leve ondulados em as nascenças para logo tragadas pelos tecidos da *gown* avarenta, evocavam eninencias de luz, contornadas e recompostas através do entumescimento sensível do busto. O vestido de ouro-velho, emmoldu-

rando-a, lembrava doce cactus ideal de neve e rosa, que abotoasse em calix dourado. Entontecia a vizão. E quem tivesse senso esthetico creria, em evocando idos tempos grego-romanos, que a joven *yanhee* espiritualizava o philtro magico das aureas amphoras embriagava e perdia...

CARLOS DE VASCONCELOS.

(Do romance inedito *Alma Yankee*.)

Miss. Catherine Green





Mme. Didino da Veiga

(Clichés Bevilacqua)

Eu o encontrára tranqüillo, tomando um gelado, alheio á algazara e á agitação da turba. Olhei-o com espanto:

— Não brincas, homem extraordinario? Detestas o prazer? Odeias o Carnaval?...

O meu amigo sorriera e, sorvendo o seu gelado, explicou:

— Eu não odeio o Carnaval, adoro-o. Justamente por isso não quero brincar — para não perder a recordação do melhor sonho da minha vida...

E o meu amigo, serenamente, contou a sua aventura:

« Isto foi ha dois annos. A multidão delirava. Eu perdiera o pouco juizo que me restava e, suffocado de confetti, com um lança-perfume em cada mão, precipitára-me no tumulto sensual, como em ephebo antigo, doido, perdido, louvando o deus louro, que descobrira a vinha e ensinára aos homens, rumorosamente, a virtude do prazer.

— Evohé! bradei transfigurado. E a minha saudação pagã, confundindo-se na algazarra collectiva, pareceu viver uma vida enorme, profunda como a origem secular da propria raça.

Eu estava desvaído de todo. Donde nascêra a minha alegria exuberante, este hausto de vida magnifica que me transformava, inesperadamente, num filho de Dionisus, e me fazia cambalear em saltos ageis, em atrevidos reboantes, em gritos instinctivos de fauno solto, em plena civilização, offegante e avido, como o grande Pan no estio?... Não sei. Lembro-me somente que todo o meu sêr pulsava, desde a cabelleira desordenada á ponta dos pés ligeiros. E, correndo-me pelas veias, em vez de sangue, fluia em mim, um liquido candente, feito de chammas, capaz de fecundar um mundo. Eu vivia uma vida de sonho, onde o espectáculo immediato, reflectindo-se, modificando-se, transfigurava-se em scenarios longinquos, resurgindo numa epoca distante. No rapido momento da loucura, correrá-me, em turbilhões, pela imaginação delirante, os seculos que se extinguiram e eu vi, senti e corri, em plena Grecia, atraz de Baccho thebano, de dorso roseo e de louros cabellos coroados de pampanos videntes. Cambaleei de novo e, de novo, vibrei na saudação antiga...

— Evohé!...

Um esguicho gelado tocou-me a face. Um turbilhão de confetti cahiu sobre mim, suffocando-me. Voltei o rosto e persegui, campeadoramente, em cambaleios e gritos triumphaes, quem me atacava.

Na minha frente a aggressora gentil fugia sempre, ondulante, gazil, com a cabelleira engrinaldada de rosas, fascinante como uma ména-de magnifica...

— Filha de Apollo, hei de te attingar; hei de me vingar de ti, murmurei num clamor. Quero te saturar de ether; quero penetrar a tua epiderme com perfume gelado... Quero sacudir os teus nervos sensitivos de flor de civilização, como se

sacode um feixe de thyrsos. Oh! dyonisi-ca flor, filha de Apollo e de Venus... Graça gloriosa!... Os dythrambos zumbiam-me nos labios como abelhas. Attingi-a, em fim, num offego.

O meu lança-perfume tocou-lhe os cabellos, a face, a nuca, o collo, a bocca. Ella, inebriada, sorria, num tremor convulsivo. No ar respirava-se ether puro. Todos os meus sentidos, superexcitados, adquiriam uma sensibilidade inesperada. Parecia-me ouvir pelos olhos. Entrava-me pela bocca um violento perfume de verbená. E, todo o meu corpo, tremulo como uma pluma, tornava-se l.v., quasi immaterial, como se fosse, todo elle, feito de pennas e de petalas de rosas. Uma deliciosa sensação de abandono possuiu-me. Ainda estendi o braço com o lança-perfume erguido. Mas o gesto ficára em meio. E, como num sonho, senti uma deliciosa sensação de desmaio. Quiz sorrir e não poudes. Etendi os braços e entreguei-me vencido nos braços do sonho magnifico. D'ahi por diante não sei o que fiz. As imagens succediam-se com uma velocidade prodigiosa, nas mais inesperadas combinações, nas mais imprevisas attitudes. Subitamente julguei-me transfigurado num grande passaro azul, perseguido por um bando de pombas, de roseos pés perfumados.



Mme. Lindolfo Cólór

Ellas voavam em revoaaa, alvas, sollicitas, bellas, rumorosas... E eu fugia. Parecia-me que todas ellas vinham a mim n'um anseio e numa supplica: — Uma só de tuas pennas, passaro azul, nos dará a felicidade... Não fujas de nós, não voes tão alto, perto das nuvens... Não te enganes, passaro azul, as nuvens são illusões que voam... Concede-nos o teu canto; concede-nos uma das tuas pennas passaro azul. Uma dellas, uma só e seremos venturosas...

Eu continuava a voar, insensivel e descuidado. Para o alto, sempre para o alto, pensava eu, longe das pombas humildes; onde só existam as nuvens e as estrellas. Ah! as nuvens, como seria feliz se as possuísse, na sua continua inconstancia, na sua eterna variabilidade, nas suas permanentes transformações... E, voando, eu continuava a fugir das lindas pombas humildes.

De repente me senti só, no alto, muito no alto. Por cima de mim, só o ceu azul. Olhei para baixo. Não mais vi o lindo bando de pombas rumorosas... Desanimadas, algumas ficaram pelos capiteis das columnas corynthias dos altos palacios, que engrinaldam os pincaros; outras, perderam-se; felizes e resignadas, nas ramarias frondosas... Olhei novamente para o alto. O ceu parecia um lago immenso onde, muito branca, boiava uma nuvem, como um grande cysne fantastico. Olhei a nuvem deslumbrado:

— Oh! linda nuvem cor de neve, como és bella e fascinante!... Para chegar a ti, voarei o resto da vida, se preciso for; para descansar no teu seio minha cabeça ardente gastarei todas as minhas forças... Eu te desejo oh! magnifica!...

Redobrei no vôo perseguindo-a.

Emfim alcancei-a. Mergulhei no seu seio, cerrando as azas docemente. Ah! illusão, sem resistencia, a nuvem perdeu-se.

E, cansado, com as azas extenuadas de tanto voar, rolei do alto, numa queda triumphal, até o solo—isto é, até aos braços da senhorita que me amparára...

— Perdão mlle., murmurei perturbado, foi um deliquio... Passou...

E ella sorrindo:

— Felizmente... Entonteceu-o o ether... Fui excessiva... Desculpe-me...

Desde este dia, terminou o meu amigo calmamente, não brinco mais no Carnaval — mesmo por que já não estou mais na idade de ser passaro azul!... Estou me fazendo velho, meu amigo...

Noticiario Elegante

A MANEIRA DE OLHAR

A maneira de olhar, de admirar a linha fugitiva de uma mulher, uma estatua, um quadro, ou uma obra d'arte é difficillima e caracteristica.

Um gentleman não olha nunca uma senhora petulantemente. O olhar deve ser discreto, respeitoso e delicado. Si por ventura o cavalheiro sympathisa, nutre algum affecto mesmo pela dama que o saúda e o commove, o seu modo de olhal-a deve ser levemente carinhoso, mas sem nunca ultrapassar os limites que todos os homens devem definitivamente guardar para com qualquer senhora.

O olhar é o reflexo dos nossos pensamentos mais intimos, de nossos desejos mais secretos. Disfarçal-os e encoberil-os é o dever de todo cavalheiro que pretende ser elegante.

PETROPOLIS teve, no sabbado passado uma linda festa elegante. Realizou-se no Palacio de Crystal o concerto organizado pela senhorita Haydée Baptista da Silva, uma das applicadas alumnas da Mme. Alberto Nepomuceno. Possuidora de notavel talento artistico mlle. Haydée da Silva recebeu da illustre e elegante assistencia um turbilhão de palmas.

A VERDADEIRA ELEGANCIA

Elegancia é incontestavelmente, um dos meios mais poderosos de influencia social. Nas sociedades modernas o homem elegante predomina como soberano. E' a representação da correcção masculina. E' a belleza imponente, forte e suggestiva de intimas grandezas revelada na linha simples e sobria do vestuario.

ELEGANCIA não é pedantismo, nem excentricidade. Ser elegante é possuir um corpo educado pela gymnastica, é ter as proporções physicas correspondentes ás exigencias estheticas.

A synthese suprema da elegancia é a gloria esplendida de um corpo forte,

de linhas bem traçadas, de fórmas bem modeladas, que se advinham atravez das roupagens que a civilização impoz aos homens.

O CULTO da elegancia deve ser uma das nossas mais altas preocupações. Para o conseguir devemos cuidar da nos-



O "SET" CARIOCA
Mme. Risoleta Moura Bandeira

sa apparencia physica, desenvolvendo, por meio de exercicios methodicos, os musculos para estabelecer as linhas masculas e graciosas que são o unico apanagio da belleza do homem.

PARTIRÁ, por todo o mez corrente, acompanhado de sua exma. esposa, para o Rio Grande do Sul, o illustre

sr. dr. Paulo de Hasslocher, um dos mais distinctos e cultos cavalheiros do set carioca. O joven intellectual pretende na sua terra natal fazer algumas conferencias a favor da Allemanha.

A ARTE DE VESTIR A CRIANÇA

E' PRECISO vestir as crianças com elegancia, inculcando-lhes, desde pequeninos, o habito das roupas graciosas e bem feitas.

NADA ha mais lindo do que vêr um bambino roseo, macio e jovial, sorrindo e correndo envolto nas suas roupas leves e graciosas.

AS MÃES compete despertar nelles os habitos do bom gosto, a preferencia pelas toilettes delicadas, pelas mancinhas gentis, pelos lindos gestos encantadores.

TEVE o maior brilhantismo a batalha de confetti realizada no domingo passado, na Avenida Rio Branco, promovida pela Gazeta de Noticias.

A AVENIDA encheu-se de ponta a ponta E a batalha proseguiu animada até meia-noite, hora em que a commissão de senhoras organisadoras da elegante festa carnavalesca se reuniu para conferir os devidos premios.

O PRIMEIRO, um lindo bronze, coube a mlle. Queen von Keen; o segundo, a mlle. Esther Caminha; e o terceiro a mlle. Orris Soares.

PASSOU na segunda-feira, do corrente, o anniversario natalicio de me. Bernardina Azeredo, virtuosa esposa do illustre dr. Antonio Azeredo, senador da Republica. Gosando de alta estima na nossa grande sociedade a digna senhora recebeu das pessoas de suas relações que são

os vultos mais eminentes da política, da diplomacia e das letras, effusivas e numerosas felicitações.

Mme. S. L.

MME. Santos Lobo occupa na grande sociedade carioca, com a maior justiça, um alto lugar de destaque e de elegancia.

Muito distincta, com uma prodigiosa elegancia, instinctiva, tão natural na illustre dama como o perfume nas flores, mme. de Santos Lobo consegue sempre, onde está, irradiar graça sympathia e distincção.

As suas toilettes, vindas de Pariz; os seus chapéus notáveis e custosos eguaes aos que as princezas usam para fazer numa tarde



Mme. Santos Lobo

de Bois; as suas joias lindissimas; os seus perfumes raros, que Coty fabrica exclusivamente para os requintados da cidade poderosa, são sempre os melhores, os mais bellos e originaes.

No Municipal, nas noites rutilantes da season, pôde-se affirmar que entre todos as toilettes a mais elegante e discreta é, sem duvida, a de mme. de Santos Lobo.

O seu forte, a sua linha impecavel concorrem enormemente para os triumphos continuos de salão. Mas onde está o seu maior encanto é na sua gentileza, no seu trato fino e polido de verdadeira parisiense de Saint-Germain.

P. de G.

A "Revista" em Petropolis

Não ha diversões em Petropolis». «Não se tem um lugar onde ir á noite». Essas phrases escutam-se a toda a hora e são ditas sempre em



Na Praça D. Affonso — Mme. Oscar Lopes, Mlle. Liberal, Drs. Oswaldo Machads e Paulo Goulart e Sr. Henrique Liberal.

um tom enfasiado, com uma expressão blasée. «Não ha diversões em Petropolis», e como as não ha mettem-se todos ao cinematographo, quando fóra, no ar livre, brilha romanticamente um grande luar. Já todos andam cansados de cinematographo, mas nem por isso o deixam. Preferem o desenrolar de films interminaveis, de enervantes dramas, á calma doce e salutar de um passeio, quando pelas silenciosas avenidas petropolitanas a luz da lua forma quadros surprehendentes.

Será mais elegante e de melhor bom tom uma sessão de cinematographo do que uma reunião em uma das lindas praças de Petropolis?

Será mais interessante o enredo

complicado de uma aventura nick-cartiana do que o effeito de um luar em um grande telhado de zinco ou nas aguas mansas do Piabanha?

Cremos bem que não.

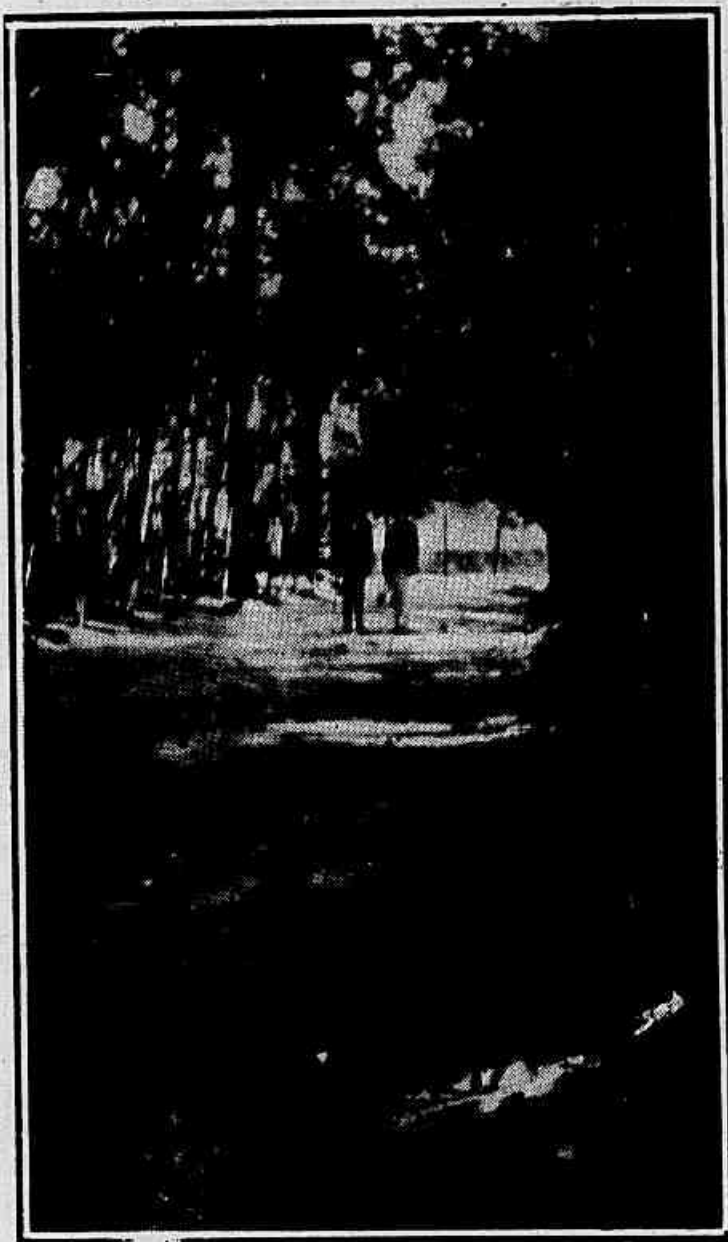
A fina sociedade que aqui está



Grupo de bebés no jardim do Palacio de Crystal

veraneando devia organizar alguma coisa *chic*, passeios á noite, cursos, batalhas de confetti para sacudir um pouco a monotonia do cinematographo. E', certamente, bem mais agradável brincar ao ar livre, quando faz um luar glorioso, do que prender-se nas cadeiras de uma platéa.

A SEMANA correu vasia de notas interessantes, porém foi grande o movimento de festas nos seus ultimos dois dias. No sabbado e no domingo, a semana passada quiz recuperar o tempo perdido nos outros dias. De



A entrada do "Tennis Club Petropolitano"

facto fel-o brilhantemente. Vejamos o *carnet*.

Dia 30 — A Sociedade de Petropolis repartiu-se entre o baile da Embaixada Americana e o concerto da Senhorita Haydé Baptista. Ambas as festas foram deliciosamente alegres.

Dia 31 — Houve uma linda *matinée* no Palacio de Crystal, que constou de chá, bridge, batalha de confetti e dança. Esse preludio de Carnaval, por assim dizer, esteve animadissimo e encantador. O chá foi servido por



Mme. Oscar Lopes

senhoritas da nossa melhor sociedade.

A FINAL, futuro Dr., é preciso se decidir por uma das duas. Não póde continuar assim. Deixe este negocio de dualidades para a politica dos Estados.

Dia 31 — Campeonato de Tennis entre o «Botafogo Foot-Ball Club»



O Valle da Cascatinha visto da Estrada União Industria.

e o «Tennis Club Petropolitano», tendo sahido vencedor este segundo club.

Entre os jogadores petropolitanos sa-lentaram-se os srs. Julio Werneck, Mario Frias, Americo Rocha Miranda e Francisco Fonseca.

Dia 31 — Baile de fantasias em casa do Sr. Luiz Liberal. Não se póde dizer que tivesse sido um baile em toda a extensão da palavra. Foi uma festa intima, deliciosamente encantadora. Notamos entre as fantasias: Mlle. Dulce Liberal, de Gitana; Mlle. Regina Moura, de Gigolette; e apaches, tyrolesas, minhotas, bahianas, japonesas, andaluzas, marquezas, etc., etc.

Mlle. R. M.

CLARA, olhos escuros e vivos, cabellos castanhos, esbelta, Mlle.



Mlles. Nabuco e Sr. Themistocles Graça Aranha

é a graça perfeita quando anda, quando dança, quando ri e quando falla. Tem a sua silhueta um pouco das silhuetas de Préjelan e a sua expressão, o seu rosto, algo da graça hespanhola que Goya representou em telas immortaes.

A unica moda original que Paris criou no inverno de 1914



O chapéo "bonnet de police"

PARIS, mantendo no inverno da guerra a moda decretada em 1913, simplificou-a, despojando-a das suas excentricidades. Assim resolveu o problema. Mas não era possível deixar de renovar o chapéo. Succedendo aos altos penachos, surgiu então, inspirado nas circunstancias, o "bonnet de police", o chapéo militar, com a sua *cocarde*, com o seu galão de ouro, a sua borla de franja de ouro. A parisiense militarizou-se. Teremos, pois, o "bonnet de police" no Rio, coincidindo com o reaparecimento de Guitry no Municipal.

Oh! estes Moços!

Pequena Comédia de Salão

ESTA obra dialogada não pertence precisamente a um genero dramatico definido. Pela ingenua simplicidade da acção pode aparentar-se com os autos medievales, mas pela audacia do dialogo lembrará aos criticos o nome de Aristophanes, um dos unicos que elles conhecem. A brevidade e multiplicidade das scenas, finalmente, podem justificar a invocação de Shakespear. Na realidade, esta pequenina obra dramatica não passa de uma brincadeira.

SCENA I

JOÃO GUERRA, 24 ANNOS
GASTÃO DA ROCHA, 23 ANNOS

No Rio, em casa de João Guerra. Aposento de um gosto discreto, mas incerto. Esthetica hesitante Modern-style já velho e antiquidades recentes. Bibelots sem caracter e tapeçarias sem personalidade.

João: — Parece-me de mau gosto que tu me invadas a casa logo pela madrugada para saber noticias minhas, quando ainda ha dois dias nos vimos...

Gastão: — Em dois dias podem acontecer tantas desgraças!

João: — E até n'uma hora.

Gastão: — Mesmo n'um minuto. Penso que as cousas realmente graves, as cousas tremendas, acontecem sempre num abrir e fechar d'olhos: accidentes de auto, vencimentos de letras, rompimentos de ligações amorosas, scenas de ciúmes... Tudo isto succede instantaneamente, em menos tempo do que é preciso para as descrever. E isto tudo sem fallar na peor das cousas que podem acontecer a um homem...

João: — Compreendo. Quanto perdeste? Onde foi?

Gastão: — No Palace. Uma coisa estúpida.

João: — Estupidissima!

Gastão: — Ganhei tres paradas. A terceira, tinha tres contos em cima da mesa.

João: — Animal! Quanto perdeste?

Gastão: — Se tivesse conservado a calma podia ter ganho, sabes quanto?

João: — Quanto perdeste, afinal? E' o que importa.

Gastão: — Cinco contos.

João: — Uff!

Gastão: — Palavra de honra.

João: — As minhas felicitações!

Gastão: — Podes emprestar-m'os?



João: — Perdeste tambem o juizo?

Gastão: — Recusas?

João: — Não recuso, mas não tenho agora tanto dinheiro para pagar as tuas dividas de jogo.

Gastão: — E não podes arranjar-o?

João: — E tu?

Gastão: — Impossivel. Se o não tivesse perdido encontraria facilmente quem m'o emprestasse... para perder. Mas como o perdi, não ha ninguem que m'o empreste. Eis a logica estúpida dos homens.

João: — Experimenta. Teu tio Aristides talvez t'o empreste.

Gastão: — E' demasiado pobre.

João: — E teu tio Floriano?

Gastão: — E' demasiado rico. E depois, deves

compreender, já me basta o incommodo de ter perdido esta somma, para ter ainda o incommodo de a arranjar. Devias, como amigo, socorrer-me neste aborrecimento... Enfim, não podes? Não queres? Aíêus.

João: — Não te vás embora e ouve.

Gastão: — Vae: prégar-me moral?

João: — E se fosse?

Gastão: — Se ha um momento em que a moral é

particularmente odiosa é exacta-

mente quando se acaba de perder

ao jogo cinco con-

tos... que se não tem. E' verdade que

ainda é mais desagradavel perdê-los

quando os temos!

João: — Meu pobre velho, ha me-

ses que andas num pessimo caminho

e te distrahes em cousas que não te

divertem nada.

Gastão: — Espero que ellas acabem

por divertir-me.

João: — Das-te ao luxo de dividas

de honra que não podes regularisar,

e crias-te difficuldades pavorosas.

Gastão: — De que tu tens ciúmes:



hem ver-
dade que
con-
sente em ser
minha mu-
lher?

Germana:
Sim, João.

João: —
Sinto-me tão
feliz.

João: — Oh! eu não me envergonho de ser prudente. Não é um crime ter o amor da ordem e a precaução do futuro.

Gastão: — Falas como um ministro da Fazenda! Quando penso que tens um pae estroina, fantasista, um pae que usa polainas brancas e tranças de desoito annos, e que tu és o modelo dos moços, fico perplexo! Emfim, é inutil epilogar. Com as minhas declamações não obterei os cinco contos.

João: — Se eu os tivesse, emprestava-os com a condição de que não voltarias a jogar.

Gastão: — Está bem! Está bem! Com essas exigencias não insisto. Vou tentar o Eloy...

João: — Elle t'os dará. Sabe bem que tu acabarás por lh'os restituir...

Gastão: — Sim, é uma cousa que bem póde succeder!

SCENA II

JOÃO GUERRA
GERMANA DE SOUSA,
20 ANNOS

Em Petropolis, no villino de Amaral Souza, rico industrial.

João: — Então, Germana, é

Germana: — E eu também.
João: — Não suspeitava do que eu vinha dizer-lhe hoje?
Germana: — Um pouco...
João: — E já tinha presentido o meu amor?
Germana: — Antes de você...
João: — E não me disse nada?..
Porque se Germana: — calava tam-



bem?

João: — Não me atrevia.
Germana: — Eu esperava.
João: — E finalmente, hoje, quasi sem o sentirmos, — prompto! — tudo dicto, tudo feito!
Germana: — E' sempre assim.
João: — E dizem que o amor é complicado.
Germana: — Cousas que se dizem... O amor é tão calumniado!
João: — Devo considerar-me um homem feliz! Temia não lhe ter agradado...
Germana: — Oh! porque?
João: — Comparando-me aos homens da minha idade sentia-me cheio de defeitos...

Germana: — E eu então!
João: — Mas agora sinto que nascemos um para o outro: nem romancescos, nem snobs, nem complicados.
Germana: — Amamo-nos... E' o essencial. Tanto melhor!

João: — Sim! Acredito que nos amamos com corações novos em folha, que ainda não serviram.

Germana: — O meu sempre foi seu.
João: — O meu também, Germana.

Germana: — Assim o creio.
João: — E seus paes terão adivinhado os nossos sentimentos?

Germana: — Oh! elles teem mais em que pensar. Mamãe passa os dias em visitas, e papae passa os dias na fabrica.

João: — E sua irmã?
Germana: — Theresa? Não sei. Mas vou contar-lhe tudo.

João: — Hoje?
Germana: — Sinto-me demasiado feliz para me poder calar.

João: — Quando deverá meu pae procurar o seu para lhe pedir a sua mão?

Germana: — Amanhã. Não é verdade? Mas de manhã cedo.

João: — Porque, de manhã cedo?

Germana: — Para não demorar!

João: — Tem razão. E' preciso não perder tempo.

Germana: — Já tenho vinte annos...

João: — E eu vinte e quatro.

Germana: — Oh! que vergonha! Ha dois annos que deviamos estar casados!

João: — Quanto tempo e quanta felicidade perdida!

Germana: — Sim, pois para nós, tempo e felicidade são tudo a mesma cousa.

SCENA III
GERMANA E THERESA, SUA IRMÃ, 21 ANNOS
Boudoir. Moveis laeados. Cortinas de cretone claro. Um ambiente perfumado.

Germana: — Que pensas tu de João Guerra?
Theresa: — E' um bonito rapaz.
Germana: — Mais do que isso!
Theresa: — Intelligente, bem educado.
Germana: — Mais do que isso!
Theresa: — Serio, delicado, sincero.
Germana: — Ainda muito mais do que isso. Elle ama-me.
Theresa: — O que!
Germana: — E eu tambem o amo.
Theresa: — Serio?
Germana: — Aca-

bamos de declarar-nos.

Theresa: — Ah! pequena! pequena!

Germana: — Porque ris?

Theresa: — Porque tenho vontade de rir.

Germana: — Oh!

Theresa: — Pois se tu nem sequer sabes o que é amar.

Germana: — Porque não sei?

Theresa: — Porque és uma criança.

Germana: — Tu só tens mais um anno de que eu.

Theresa: — Mas tenho a experiencia. Já estive apaixonada tres vezes.

Germana: — Tu?

Theresa: — Sim. E de cada uma das vezes por toda a vida. Agora tenho mais cuidado. Não me deixo assim illudir. Compras tu nas lojas a primeira cousa que te offerecem? Com o amor é a mesma cousa. E' preciso hesitar, escolher, pedir amostras, reflectir. E' necessario não confundir a setineta com o setim nem o amor com o capricho.

Germana: — Mas se eu te digo que com João é o amor eterno, o verdadeiro...

Theresa: — Não digo que não. Mas experimente. Faz flirt. E' uma lição de esgrima. Aposto contigo



em como ainda ta has de se apaixonar por dois ou tres annos de encontros o bom — ou o mau — que casará contigo.

Germana: — E se eu te disser que elle vem amanhã

pedir-me em casamento?

Theresa: — Impossivel!

Germana: — A verdade Eu não quero experiencias. Para mim, o primeiro amor ha-de ser o unico.

Theresa: — Que tolice!

Germana: — Não te rias!

Theresa: — Peço-te perdão.

Germana: — Ah! minha querida Theresa, como eu gosto de ti, depois que te disse que gostava d'elle!

Theresa: — E quando vaes fallar com papae e mamãe?

Germana: — Queria que fosses tu que lhes fallasses.

Theresa: — Oh!

Germana: — Sim! Sim! Eu ficaria intimidada. Papae e mamãe tratam-me como se eu fosse uma criança. Comtigo é outra cousa.

Theresa: — Bem. Eu lhes fallarei.

Germana: — Oh! Theresa, como eu gosto e ti!

Theresa: — Tanto como d'elle? —

Germana: — De outra maneira...

SCENA IV

AMARAL SOUSA, 45 ANNOS.

MME. SOUSA, 39 ANNOS.

ANTONIO GUERRA, 60 ANNOS.

socio do Jockey-Club.

Um salão confortavel e muito mobiliado com um mão gosto surpreendente.

Antonio Guerra: — Sabem, talvez, qual o motivo da minha visita?

Amaral Sousa: — Desconfiamos.

Antonio Guerra: — Pois pelo que me diz respeito, ha uma hora estava a cem leguas de o adivinhar!

Mme Sousa: — Nós tambem. Mas adivinhámos tudo quando a nossa filha Theresa nos contou tudo.

Antonio Guerra: — O mesmo me aconteceu. Adivinhei tudo depois que meu filho me disse tudo. Não percamos pois, tempo. Tenho a honra de pedir-lhes para meu filho a mão de Mlle. Germana.

Amaral Sousa: — Lisonjeia-nos muito o seu pedido.

Antonio Guerra: — Então está accete?

Amaral Sousa: — Em principio, sim.

Mme. Sousa: — Germana é ainda tão nova!

Antonio Guerra: — Quasi tão nova como a mãe!

Mme Sousa (desvanecida pelo galanteio): — Oh! sr. Antonio Guerra!

Amaral Sousa: — E seu filho só tem 24 annos, não é verdade?

Antonio Guerra: — Vinte e quatro. Mas é muito mais velho do que eu!

Amaral Sousa: — Sejamos francos. O sr. acredita que os dois serão felizes se os casarmos?

Antonio Guerra: — Oh! isso é querer saber demais!

Se soubesse que iam propôr-me um interrogatorio tão embaraçoso eu teria hesitado em vir.

Amaral Sousa: — Podemos, em todo o caso, examinar as suas garantias de felicidade...

Mme. Sousa: —

Côm franquesa... Seu filho é demasiado bem comportado. Isso nos inquieta um pouco.

Antonio Guerra: — E talvez tenham razão. E já que me fallam com essa franquesa, devo também confessar que Mlle. Germana me inspira algumas apreensões...

Mme Sousa: — Nossa filha?

Antonio Guerra: — Oh! certamente ella é um conjuncto de qualidades encantadoras, mas... Não sei como lhes diga... Emfim, estou certo de que nunca teve, sequer, um *flirt*!

Mme Sousa: — E quantas vezes a censurei por isso!

Antonio Guerra: — E isso é uma cousa grave! E' indispensavel que uma moça aprenda a ser coquette com os homens. Se em solteira a mulher não tiver sido bastante atacada, como saberá deffender-se quando estiver casada?

Amaral Sousa: — Nunca tinha pensado nessa verdade profunda.

Antonio Guerra: — Em quantas verdades, mesmo superficiaes, nós nunca pensamos! Vejo que estamos de accordo. Meu filho não viveu o bastante e sua filha não conhece a vida.

Amaral Sousa: — Não podem amar-se nessas condições.

Mme Sousa: — Seriam muito infelises.

Antonio Guerra: — Meu filho é a perfeita anthithese de mim.

Mme Sousa: — Lamento-o!

Antonio Guerra: — Muito obrigado. Francamente, não sei por que mereci de Deus um filho assim. Tive uma mocidade desregrada. Casei-me tarde, para poder fazer antes dessa todas as outras loucuras... E isso mesmo não me impediu de recommençar depois... Dissipei ao jogo duas ou tres heranças. Tornei a minha mulher tão infeliz que acabei por amal-a e comeci a soffrer do figado...

Amaral Sousa: — Numa palavra: uma existencia movimentada. Emquanto que o seu filho?...

Antonio Guerra: — Oh! o meu filho é um moço sério, trabalhador, methodico.

Amaral Sousa: — E teve alguma aventura?

Antonio Guerra: — Muito confidencialmente devo dizer-lhes que não acredito!

Amaral Sousa: — Nunca jogou?

Antonio Guerra: — Nem mesmo isso.

Amaral Sousa: — E' lamentavel. E' talvez doente... fraco?...

Antonio Guerra: — De modo nenhum. E' forte. Tem uma saude de ferro.

Amaral Sousa: — E' necessario que, antes de casar, os moços tenham praticado algumas loucuras

Mme Sousa: — Indispensavel!

Antonio Guerra: — O casamento de nossos filhos não repousaria senão sobre bases sérias. E' muito fragil, numa sociedade tão frivola como a nossa.

Amaral Sousa: — Ambos são demasiado bons. Só teem qualidades.

Antonio Guerra: — Nessas condições não póde haver um casamento feliz.

Mme Sousa: — Entendo que nos devemos oppôr a uma tal união.

Antonio Guerra: — De accordo! Para o meu filho é preciso uma moça muito mundana, com uma grande experiencia, que o arraste no turbilhão...

Amaral Sousa: — E de nosso lado cremos dever dar a Germana um homem que tenha tido uma mocidade bastante tumultuosa...

Mme Sousa: — Todas as mães de familia, aqui em Petropolis, pensam assim.

Amaral Sousa: — E' realmente, pena que nossos filhos não reunam os defeitos necessarios que são a garantia da felicidade conjugal.!

Antonio Guerra: — Tanto peor para elles! Que culpa temos nós de que elles sejam tão mal educados?!

SCENA V

JOÃO GUERRA E GERMANA

A scena passa-se ao fundo do jardim: o lindissimo jardim do villino de Amaral Sousa, em Petropolis.

João (anciosamente): — E então?

Germana: — Ah! João! Se successe o que succede!

João: — Então?

Germana: — Não querem que nos casemos! Foi Theresa que me contou tudo.

João: — Mas porque motivo?

Germana: — Nunca adivinhará! Meus paes acham que você é um moço sério de mais!

João: — Impossivel!

Germana: — Papae diz que é impossivel ser bom marido com uma conducta tão exemplar! Papae acha também que eu sou ingenua de mais... que não tive bastantes *flirts*!

João: — Mas é medonho! E que vae ser de nós? Eu não posso viver sem a Germana...

Germana: — Sério? Então tenho uma ideia. Vamos experimentar conseguir que nossos paes nos considerem peores do que somos...

João: — Ah! Mas como?

Germana: — Eu vou procurar aventuras... Você vae fazer asneiras... Depois talvez nos considerem dignos de fundar uma familia.

João: — Nunca eu saberei fazer asneiras. E' uma cousa muito difficil!

Germana: — Mas nem eu quero que você as faça. Tudo deve ficar nas apparencias. Eu dirigirei você. Em paga, você me escolherá os namorados...

João: — Namorados?... Namorados? O meu primo Abilio?...

Germana: — E' tão feio!

João: — Justamente por isso.

Germana: — E' tão insipido!

João: — Vê que já pensa em tornar o *flirt* agradável?

Germana: — E' para enganar melhor mamãe.

João: — Não gosto desse brinquedo.

Germana: — E' que você não tem confiança em mim.

João: — Oh! tenho. Perdoe-me.

Germana: — Agora chegou minha vez de aconselhal-o... Você começa por mudar de alfaiate, por vestir-se como o seu amigo Gastão...

João: — Vou parecer um idiota.

Germana: — E' o que é preciso. O nosso estroina é quasi sempre um idiota... Depois você vae confessar a seu pae que tem uma divida grande.

João: — Cinco contos!

Germana: — Porque cinco contos?

João: — Nada... Nada... E' porque me lembrou um amigo, que também é idiota e que deve cinco contos...

Germana: — E depois é preciso ainda fingir uma aventura com uma mulher que dê muito nas vistas... dos outros. Uma actriz, por exemplo.

João: — Uma actriz? Está bem, está bem!

Germana (desconfiada): — Parece-me mesmo que está bem de mais! Quem me diz que essa actriz já não existe na sua vida, que você a não tenha amado antes de mim, e que ainda a ama?

João: — Oh! Germana!

Germana: — Tenho ciumes dessa mulher!

João: — Mas se ella não existe senão na sua imaginação!

Germana: — Jura-me que eu sou o seu primeiro amor?

João: — Juro.

Germana: — No fim de contas, aborrece-me que supponham que você teve uma aventura... Quando estivermos casados será preciso restabel cer a verdade, não lhe parece?

João: — Com certeza!

Germana: — Para dar uma lição a nossos paes.

João: — E merecem-na!

Germana: — Então está combinado?

João: — Pois se é a Germana que quer!

Germana: — verá João como elles caem na nossa ratoeira!

João: — Será forçoso que elles cedam! Eu amo-a. Nada no mundo nos poderá separar.

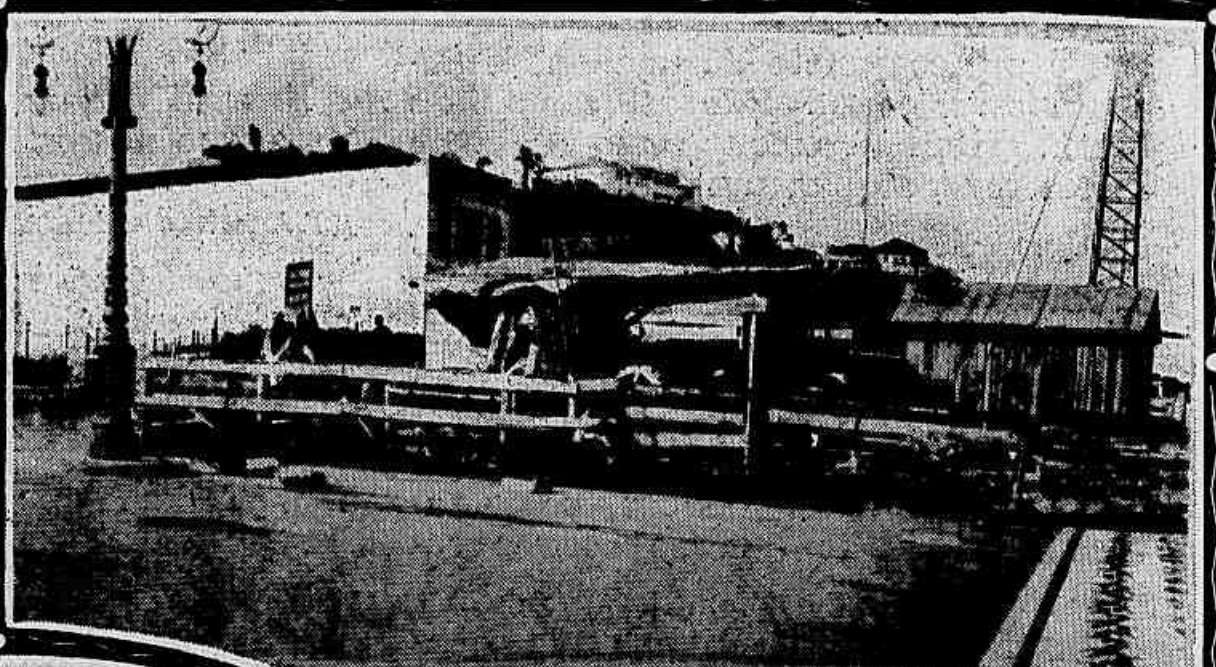
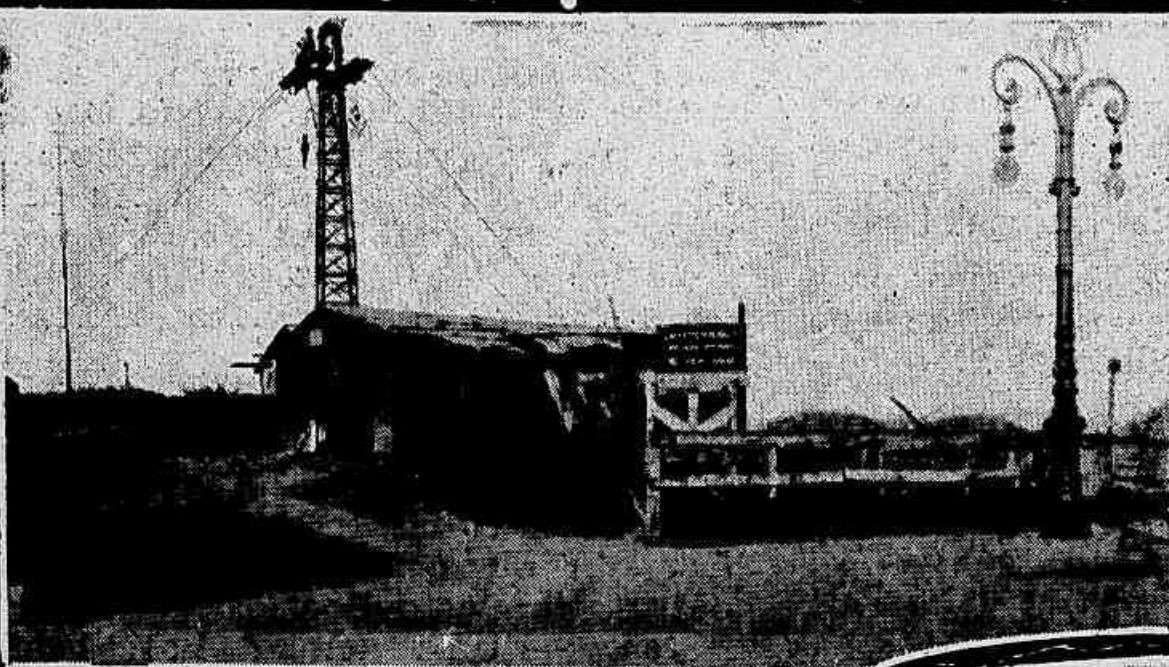
Germana: — Oh nada, nada, nunca!

João: — Vamos pois parecer duas más pessoas para termos o direito de ser felizes!

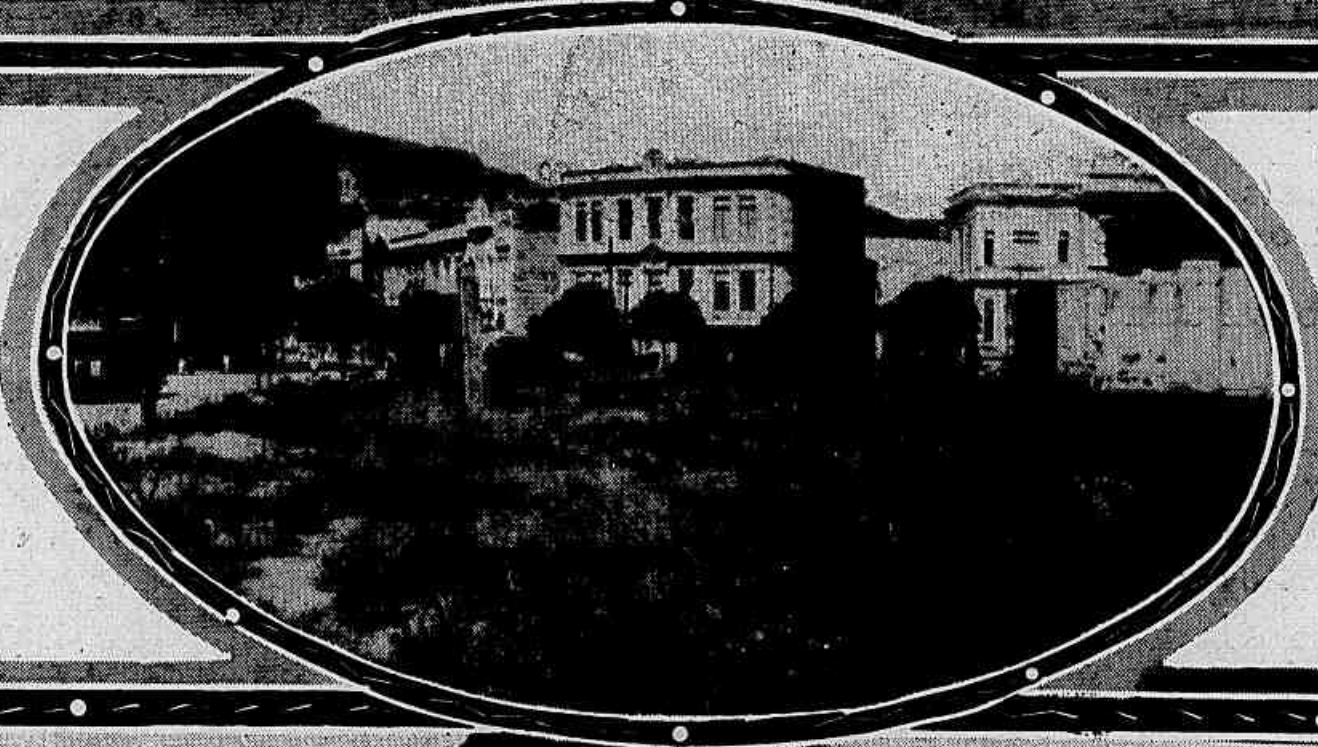


Aspectos inéditos da Avenida Rio Branco

Pagina dedicada a
S. Ex. o Sr. Prefeito pela "Revista da Semana"



1 — A sumptuosa Avenida Rio Branco em frente do obelisco!
2 — Como termina a Avenida Beira-Mar na Avenida Rio Branco!
3 — Um capinzal em plena Avenida Rio Branco (terreno do antigo Convento da Ajuda).



4 — O que fica por detraz dos palacios da Avenida. 5 — "A tradição e a civilização": O morro do Castello e a Avenida Rio Branco. 6 — «O sertão e a civilização»: Trecho bucolico da Avenida Rio Branco.



Atribuiu-se ao Sr. Dr. Rivadavia Corrêa, que é um espirito moderno e progressivo, a seguinte divisa, correspondente á synthese do seu programma de reformas: Os morros são sagrados. Quasi se diria um romano referindo-se ao Capitolio. E logo se divulgou o seu projecto de perfurar o morro do Castello, de modo que a cidade, para evitar passar por cima delle, — o que seria sacrilegio! — passasse por baixo delle.



A verdade é que, se o grande Passos houvesse reduzido o seu programma ao culto dos morros, sem pensar em mais nada, o Rio moderno não existia. Embora de cousas mil e nas não cure o Pretor, ou-samos pôr diante da vista do Sr. Prefeito do Districto Federal alguns panoramas sertanejos da mais magnificente arteria do Rio. S. Excia. tem com que se entreter antes de perfurar o morro do Castello...

N. da Redacção—Estas inoffensivas photographias nao visam a desacreditar a grandiosidade da nossa Capital. São uma innocente satyra á cegueira do nosso orgulho de cariocas]

SORRISOS & FRIVOLIDADES



Com excellento exito realisou-se no sabbado, 30 de Janeiro, o ensaio do Dia de Juizo Final. Numerosos mortos responderam ao chamado, pressurosos de prestar o seu serviço eleitoral aos vivos. O suffragio foi, como de costume, uma compungente cerimonia fúnebre, muito concorrida de finados. Os jasigos do P. R. C. e do P. R. L. achavam-se formosamente adornados de flôres. Foram resadas diversas missas de requiem por alma da representação nacional.



Na quinta-feira, ás 6 da tarde, as muitas pessoas que passeiavam na Avenida Beira Mar, no trecho comprehendido entre a rua Paysandú e a Pensão Central, puderam assistir a uma scena que seria estrepitosamente applaudida se houvesse sido representada num palco. Um distincto advogado atravessa-

va a Avenida, dando o braço á sua progenitora: uma senhora septagenaria, de cabellos brancos e passos vacillantes.

Do lado da Avenida da Ligação avança vertiginosamente um automovel

vermelho. E' um simples taxi, mas dir-se-ia um carro de corridas, em dia de grande premio. O advogado faz signal ao *chauffeur* para diminuir o andamento. A senhora, incapaz de correr, está pallida e tremula. O automovel continua em velocidade maxima. Então o advogado — e desde já posso garantir que não era o sr. dr. Cyranno Flôres da Cunha, — pucha de um revolver, aponta-o para o taxi e grita:

— Para, cachorro, senão te faço parar á bala!

O *chauffeur* dependurou-se ao travão, o taxi vermelho derrapou, estacou.

Ahi fica a receita para fazer parar os taxis vertiginosos, que se entreteem a atropellar nas avenidas os indeffesos e resignados cidadãos.



Não é para sorrir, nem se trata, propriamente, de uma frivolidade. Ouçam os leitores. Foi ha tres dias. Passavamos de *bond* pela rua das Marrecas. No banco atrás do nosso dois medicos conversavam. De repente, á porta do predio nº. 25, uma moça nova, terrivelmente pallida, o olhar hallucinado, encosta-se á parede, arranhando a garganta e soltando gritos roucos.

— Um caso de raiva! — diz, atrás de nós, um dos medicos.

Sentimos um arrepio percorrer-nos a espinha dorsal. O *bond* passara, ia já longe, mal se distinguia os gritos animaes, esperos, *inolvidaveis*, da infeliz hydrophoba. Os dous medicos, animadamente, conversavam. Eis algumas das phrases que pudemos ouvir:

— Somos a cidade da Raiva! — Durante o verão, o numero de casos é maior do que em outra qualquer cidade do mundo. — Sim, o governo dá um subsidio á Santa Casa para manter um posto de soccorros e tratamentos anti-rabicos, mas o subsidio mal dá para o aluguel do predio! — A maior das vergonhas para uma cidade de um milhão de habitantes! — Se a população conhecesse o perigo a que está exposta ficaria alarmada! — Os jornaes? A imprensa? Os jornaes não sabem nada do que se passa. Só nos contam minuciosamente... o que não existe!"



No numero de Domingo da *Gazeta*, além do artigo petulantissimo (havemos de pedir emprestados ao *Paiz* outros adjectivos mais terriveis!) de X.; da guerra do Alecrim e Mangerona entre o elegante *Binoculo* e o elegante A. C. B., a proposito do corso de segunda feira de carnaval, em Botafogo; e de tantas outras cousas saborosas, deparamos com um longo artigo do illustre poeta portuguez João de Barros, datado de 24 de Dezembro, em que o grande chronista reincarnado em jornalista nos explica o modo e os motivos

que fizeram transformar em idolatria as desconfianças com que a opinião publica, em Portugal, recebera o ministerio Victor Coutinho.

— *Seja qual for a atmospheria politica que os partidos fóra do poder queiram crear a este governo, elles nunca poderão envenenar ou perverter a tranquillidade e o carinho da atmospheria nacional que o cerca* — affirma-nos, garante-nos, jura-nos o poeta. Felizmente essa prophesia veio a publico com prudente demora, dando tempo a que os acontecimentos a destruíssem do modo como se viu e que recordaremos aos leitores:

20 de Janeiro — O governo descobre uma conspiração e prende 61 officiaes do exercito.

21 de Janeiro — Os officiaes da guarnição de Lisboa declaram-se solidarios com os seus collegas, presos por conspirarem contra o governo.

22 de Janeiro — O exercito, as opposições, as classes conservadoras, a grande maioria da opinião publica pedem a demissão do ministerio.

23 de Janeiro — O Presidente da Republica dá a demissão ao gabinete do sr. Victor Coutinho e encarrega de organizar ministerio o General Pimenta de Castro, adversario dos jacobinos e inimigo dos carbonarios.

24 de Janeiro — O governo, depois de inutilmente ter tentado trazer para a rua os soldados e os sargentos, in-

venta uma revolução com elementos demagogicos e tenta extorquir ao velho Presidente da Republica, accorrido a deshoras, poderes descriptivos... para debellar a revolução que promoveu!

25 de Janeiro — O general Pimenta de Castro assume o governo, desaloja os democraticos do poder, dá a liberdade aos officiaes presos, subjuga com a força armada os discolos do sr. Afonso Costa, etc. etc...

E vinte dias antes de tudo isto escrevia o chronista da "*Gazeta*", garantindo-nos a "*tranquillidade e o carinho da atmospheria nacional que cerca o ministerio*"!



A REVISTA DA SEMANA, durante alguns numeros, baten-se pela fundação do "*Rio, Praia Elegante*", no maravilhoso semicirculo de areias da Avenida Atlantica. N'essa campanha fomos acompanhados pela edição da tarde do — *Jornal do Commercio* — e com que espirito, com que entusiasmo, com que suggestiva convicção! Até agora, porém, o que ambos conseguimos foi transformar o areial num imenso, inesperado, albergue nocturno! Albergue nocturno... e outra cousa. Se S. Francisco de Salles lá fosse, arriscava-se a encontrar-se com Casanova!

Não; o sr. Prefeito, cujas intenções ninguém põe em duvida que sejam excellentes, não tem sido feliz. Quiz deitar a baixo as grades do Passeio e ellas lá estão de pé, como lanças em riste, na deffesa de uma tradição archaica e (diga-se a verdade) pouco defensavel. Quiz augmentar as receitas da Prefeitura em 2.000 contos extorquidos á cinematographia, e teve que desistir para não privar a capital dos illusionistas *films* da guerra. Quiz prohibir a côr vermelha na pintura dos taxis, para evitar confusões com os automoveis dos Bombeiros (!) e por todas as *garages* correu um estremecimento de pavor e por toda a imprensa uma corrente electrica de hilariedade. Quiz reformar o contracto do Assyrio e privou a cidade do seu unico restaurante de luxo. Quiz respeitar os morros e ameaçou de dar ao Rio o aspecto de uma cidade subterranea, dotando-a com mais alguns tuneis, que poderiam chamar-se, em comemoração da guerra de trincheiras, o tunel do Aisne e o tunel da Flandres.

E se o sr. Prefeito, cujas intenções são excellentes, e cujos bom gosto e cultura todos reconhecem, se lembrasse de transformar o recinto onde esteve a exposição, na Praia Vermelha, em um magnifico logradouro publico, á semelhança do *Luna Park*, de Paris, e de *Magic City*, de Londres?

E se o sr. Prefeito tivesse a feliz ideia de averiguar os motivos que paralisam as obras da Avenida Beira Mar desde o Monroe á praia de Sta. Luzia?

PARA QUE ESTÁ SERVINDO A GUERRA! — A influencia francesa no theatro inglez — O côro "*Aven't they lovely?*" da nova revista "*Beauties*" em scena no *Victoria Palace*, de Londres



A Arte na Educação da Mulher

(Continuação)



PARA viver a vida nobre, cujo alto sentido é a Bondade e a Bellesa — a Perfeição, é tão precisa a acção do homem como a graça da mulher. Cada um, isoladamente, mal se approximar d'essas aspirações, pois nem o homem as al-

para os olhos anojados de pousar na mentira das ruas; e a honestidade, que vive ahi, o ar mais são que se pode respirar. A casa é o melhor retrato de seus donos: — desde o aspecto geral exterior, até ao mais miudo porme-



cança com as suas combatentes faculdades de criador, nem a mulher com as suas preciosas qualidades de carinho. E' preciso que os dois se juntem — e de almas dadas. «Cada um tem o que o outro não tem; cada um completa e é completado; de maneira que a perfeição dos dois exige que um reclame e receba do outro o que só o outro pode dar», diz Ruskin. Superioridade? Igualdade? Não, Conformidade. Homem e mulher são seres diferentes, colaborando paralelamente na mesma suprema obra social: — a felicidade humana.

A familia é a convergencia de toda a nossa actividade. O lar é feito pelo homem e pela mulher. Para esse lar, o homem corta e acarreta a lenha que a mulher dispõe, incendeia e mantém em chamma. Esse calor é conforto, paz, agrado. E' a calma dos ardores da vida. A mulher é a confiança moral do homem: — seu aconchego nas horas amáveis, seu animo nas horas cobardês. No lar, florescem todas as qualidades da esposa, e tem sentido e fim a educação que lhe incutiram, a illustração que lhe fizeram, as prendas com que a dotaram. O homem governa na rua, a mulher reina no lar. Aqui, a sua intelligente e linda submissão mandará mais que tyrannia; a sua fraqueza será fortaleza, porque, como diz Baudelaire:

«Rien ne vaut la douceur de son autorité»

pois ella tudo faz e ordena, com tal polidez de espirito e de fórma, que o seu tacto feminino disciplina a sorrir, perfumando de ordem, de calma e de elegancia o seu lar bemquisto.

Todo o homem deve, desde novo, educar-se, instruir-se e trabalhar para adquirir casa e mulher. A mulher e a casa são os dois termos definitivos, um moral, outro material, da nossa installação na vida. A casa, com o seu jardim, a sua horta, o seu pomar, os seus animaes domesticos, o seu horizonte — é a natureza; a mulher, com a sua ternura — um mundo. O culto da terra, do ar, das aguas, das plantas e das arvores faz de um quintal uma egreja; o culto das formas bellas, de que o homem se cerca no interior da sua casa, é gosto para a vista; a verdade, que elle em tudo põe, acceio

nor, na distribuição e ornamento dos aposentos, tudo denuncia caracter. Sem mulher, a casa ficaria severa e desatenciosa; sem homem, amaneirada. O homem collabora nella com linhas fortes e praticas; a mulher com a graça das suas mãos gentis, creadoras de elegancias e de agradados. Essas mãos leves adoçarão todas as violencias do som e da luz, para que no lial e sosegado lar se aninhem os meios-tons crepusculares, convidativos e confidenciaes. E os quebra-luzes rendilhados, e os transparentes pregueados dirão a quem passa que lá dentro, n'uma affectuosa atmosphera de ordem, acceio e conforto, vive uma familia prudente.

A mulher e a flor criaram-se para attrahir. A mulher nasce para ser mãe, e é educada e instruida para viver no lar. Esposa e mãe, eis uma verdade tão antiga como moderna, tão banal como certa. Mas esta nobilissima tarefa não se cumpre sem primeiro encher a alma feminina de justos idéaes que lhe condusam os esforços e lh'os abençoem no alto sentido do Dever e da Bondade realizada.

Tres catecismos formam o espirito e o coração da mulher: — o catecismo do Dever, da Verdade e do Bem: o catecismo da Natureza; o catecismo da Bellesa e da Arte. Amando-os e praticando-os, vive a alma da mulher no ciclo superior que a eleva ao ideal da perfeição moral a quem está servindo — Deus.

E aqui digo entre parentheses:

(Se alguma cousa mais exigir a sua religiosidade de atavicos formalismos, ou, mais claramente, a sua timorata consciencia religiosa, presa a exteriorizações, então que um perfume de piedade, respirando em suave e liberal crença, a ale ao Infinito, pois essa herdada fraqueza moral é ainda um rebento de bellesa!)

Continuando:

Encher a alma da mulher destes ideaes é encher-a de força, de bondade, de bellesa e de religiosidade — a mais alta. E' encher-a, de sentido; é preparal-a para viver; é collocal-a na familia.

Cada um destes catecismos se desdobra em capitulos varios, e todos são concorrentes a robustecer o coração da mulher com fortes e preciosas qualidades de companheira — ella

que tem de atravessar a vida e de encher o lar.

Paremos hoje diante do catecismo da Bellesa e da Arte, onde cabem todos os dotes estéticos que aformoseam a mulher: — a musica, o canto, o desenho, a pintura, o bordado, as varias artes applicadas e ainda as sublis maneiras de se apresentar, de conversar, de conviver; — e .pousemos restrictamente a nossa attenção nas artes plasticas, isto é, na architectura, na pinura, na esculptura como elementos de instrução artistica e de elegancia moral.

ANTERO DE FIGUEIREDO.

(Continúa).



ALGUMAS POESIAS

DE

ALBERTO D'OLIVEIRA



HONRA hoje as paginas da *Revista da Semana* com a sua collabora-
ção o eminente homem de letras portuguez, actualmente Consul
de Portugal no Rio, que a Academia Brasileira de Lettras recebeu
no seu gremio illustre e que tão distinctamente hoje representa no Brasil o
escol mental da g'oriosa nação de que herdamos as tradições e a lingua.

Muitos de nossos leitores travarão pela primeira vez conhecimento
com Alberto d'Oliveira poeta. Esses, desde agora, o ficarão conhecendo
como um dos maiores poetas do moderno Portugal. Demais, no Brasil,
não se pode ser Alberto d'Oliveira sem ser um grande poeta, pois no Par-
naso, esse nome prestigioso aquivale a um titulo honorifico.

Cantiga

Nas meninas dos meus olhos,
Para onde quer que ellas vão,
Que imagem vês reflectida?
Mar? Ceu? Arvoredos? — Não!



Errantes por longes terras,
Perdidas na multidão,
As meninas dos meus olhos
São como cegas, não são?



Nas meninas dos meus olhos,
Para onde quer que ellas vão,
Só anda a tua figura,
Dona do meu coração!



Anda o teu santo retrato,
Tua adorada expressão,
Nas meninas dos meus olhos,
E toda a vida andarão...

1893



Annel de noivado

PERDOA tu que eu só possa
Uma esmeralda mandar
A quem me deu, para sempre,
As duas do seu olhar!

1894

No album

de uma estrangeira

*Je voudrais, par quelques images
Et par quelques rimes de choix,
Remercier ces blanches pages
De s'être dérangées pour moi.*



*Mais mon âme reste muette,
Son chant ne serait pas compris...
La seule langue d'un poète
Est la langue de son pays!*



*Cette langue sonore et pleine
Que parlaient les Navigateurs,
Est la seule que je comprendre,
La seule qui touche mon coeur.*



*Et au lieu du doux madrigal,
Ou de la chanson fine et claire
Qu'en beau parler du Portugal
Je parviendrais peut-être à faire,*



*Me voici, en mauvais français,
Volapuk des diplomates,
Vous faisant l'envoi indiscret
De vers boiteux aux rimes plates!*

1899.

ALGUMAS POESIAS

DE

ALBERTO D'OLIVEIRA

Sermão da Montanha

HMENS! não cuideis só da vinha e do celeiro:
Cuidae da salvação, cuidae da alma, primeiro!



Vosso maior empenho é ter gado e ter pão:
Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!



Tendes pomar viçoso e de fructos coberto,
Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto!



Que importa que o trigal medre, e prospere a vinha,
Se em vós só cresce a má semente, a herva damninha!



Vêde as aves do ceu, tão felizes, tão bellas...
Foi Deus que semeou e lavrou para ellas!



Não têm lagar, não têm vinha ou seára opulenta...
Foi Deus que lhes deu vida e é Deus quem lh'a
[sustenta!]



Em vez de, como vós, ceitar, enceleirar,
Vão á busca de Deus, voando, pelo ar...



E enquanto vós cuidaes da ceifa e da vindima,
Seu voo, sem cessar, de Deus as approxima!



O' gente louca e vã, que um medo vão consome:
Só vos assusta o frio e vós inquieta a tome!



Ter vestidos na arca e crias na manada
E' ter tudo, dizeis; e eu digo: é não ter nada!



O que fiaes na roca e no tear teceis
Não encobre de Deus os males que fazeis!



Não ha sêda que esconda ou veu que dê abrigo
Aos que a mão do Senhor marcou para o castigo.



O' gente louca e vã, vêde os lírios do val
Vestidos de brancura e graça matinal...



Salomão não trajou velludos nem brocados.
Como os vêdes trajar ás rosas nos silvados.



Quem vos teceu, jasmims, violetas, nenuphares?
Foi Deus que vos mandou tecer nos seus teares...



Imitae, gente vã, teimosos peccadores,
Ou o exemplo da ave ou o exemplo das flores!

A'

Minha Filha



Vejo em ti repetida,
A annos de distancia,
A minha propria vida,
A minha propria infancia.

E' tal a semelhança,
E' tal a identidade,
Que é só em ti, creança,
Que entendo a eternidade.

Todo o meu ser se exhala,
Se reproduz no teu:
E' minha a tua fala,
Quem vive em ti, sou eu.

Sorris como eu sorria,
Scismas do meu scismar,
O teu olhar copia,
Espelha o meu olhar.

E's como a emanção,
Como o prolongamento,
Quer do meu coração,
Quer do meu pensamento.

Encarnas de tal modo
Minh'alma fugitiva,
Que eu não morri de todo
Emquanto sejas viva!

Por que mysterio immenso
Se fez a transmissão
De quanto sinto e penso
Para esse coração?

Foi como se eu andasse
N'outra alma a semear
Meu peito, minha face,
Meu riso, meu olhar...

Meus intimos desejos,
Meus sonhos mais doirados,
Florindo com meus beijos
Os campos semeados.

Bem dita é a colheita,
Deus confiou em nós...
Colhi-te, flor perfeita,
Echo da minha voz!

Foi o amor, foi o amor,
O' filha idolatrada,
O sôpro creador
Que te tirou do nada!

Deus bem dito e louvado,
O' filha estremecida,
Por te cá ter mandado
A reviver-me a vida!

ATTITUDES DE DANÇA

RUSKIN, numa das suas encyclicas memoraveis sobre arte, disse que «a belleza humana é uma questão de attitude», e completou o seu pensamento acrescentando que «é do movimento que resulta a formosura». Em apoio desta these, o grande philosopho da Esthetica invocava as mais celebres obras da estatuaria grega e



A bailarina russa Karsavina no bailado "Daphnés e Clôe"

da pintura do "quatrocentos" e da renascença. Ora, Ruskin não viveu o bastante para assistir á confirmação triumphal da sua theoria nos modernos bailados, a arte mais requintadamente transcendente do nosso tempo e que corôou o intenso movimento em prol da belleza physica — servido pelo exercicio intensissimo dos sports — com a apologia radiosa da belleza plastica tradusida nos bailados e nos dramas mimicos.

Já a *Revista da Semana*, a proposito dos *Bailados Russos*, poz em



A bailarina russa Vera Fokina no bailado greco "A Bacchanal"

relevo a importancia da lição que o seu exito significava, salvando do cahos intellectual em que se perdia a humanidade, o culto da belleza

Um friso grego reconstituído pela dança





O bailarino Mikail Fokine e a bailarina Fokina no "Scheherazade"

physica. Os civilizados, amollecidos pela paz e embriagados pelos prodígios do espirito em todas as manifestações das artes e das sciencias, estavam a caminho de converter-se em homunculos macrocephalos, e já os pintores e os estatuarios se queixavam de que era difficil encontrar um modelo humano perfeito sem descer na escala social ás populações dos campos. O *sport* foi o admiravel instrumento de correcção a esse perigo ameaçador. Com o *sport* renasceram o culto do musculo, a aprendizagem das attitudes harmoniosas, a admiração pelo corpo humano. A arte, enfim, adornou com o necessario idealismo e sa salutar propaganda do desenvolvimento physico. O *foot-ball*, o *tenni*, o *golf*, a gymnastica sueca, o remo, as

corridas pedestres, a natação, a luta romana e o box foram outros tantos meios de que se serviram os homens muscularmente atrophados do seculo da navegação aérea, da telegraphia sem fios, do submarino e da theoria da radio-actividade para se salvarem da decadencia e da ruina physica.

Os typos de belleza classica, as esculpturas vivas, os corpos das Venus e dos ephebos gregos começaram a reaparecer. A corrida da Maratona resurgiu. E — cousa prodigiosa! — os frisos de Praxitéles estremeceram, moveram-se, sahiram da sua immobillidade vinte e cinco vezes secular, animaram-se, transporaram-se dos museus para os palcos! Olhando as gravuras destas paginas, como deixar de sentir o poder fascinador da belleza physica e deixar de reconhecer que de todas as formosuras da natureza a sua obra prima é o corpo humano?

Reconstituição do grupo de um friso grego





A Europa devastada pela guerra



A carga nocturna, à luz dos holophotes, contra as trincheiras alemãs

NO POSTO DA HONRA

Não pode ainda dizer-se que a segunda e formidável manobra do Marechal Hindenburg, visando a ocupação de Varsovia e a consequente e automática retracção de toda a frente russa com a evacuação da Gallicia, se malograsse. Mas não pode haver duvida de que o seu desenvolvimento, a principio acelerado, e magnifico de irresistivel impeto, se encontra prejudicado pela resistencia russa e ainda pelos fortes contra ataques dirigidos á ala esquerda allemã, na região de Mlawka, onde, por intermitencias, o inexgotavel exercito do gigantesco Grão-Duque Constantino tomou a offensiva.

Entretanto, os ultimos progressos austriacos e mesmo os grandes successos das armas austro-hungaras em Beskid deixam surprehender os primeiros resultados da estrategia de internamento do Marechal Hindenburg, a qual já força as tropas slavas a retrahirem-se na propria região de Lemberg. Em compensação, na Prussia Oriental os russos combatem energicamente nas cercanias de Gumbinen, embarçando os progressos da extrema ala esquerda allemã e ameaçando-a de envolvimento.

Convem, nesta altura da espantosa guerra das nações, salientar a maestria que preside a todos os grandes movimentos estrategicos e tacticos do exercito allemão. Certo, quasi todos os seus grandiosos planos iniciaes falharam. Ou só puderam desenvolver-se até meio, ou mesmo houveram de retrogradar quando pareciam attingir o seu objectivo. Mas



A Liberdade (á Belgica)—Não te desalentes! Tuas desventuras serão vingadas!

teutonico. Isto quer dizer que os superiores commandos militares se encontram na plena posse dos processos tacticos e estrategicos indispensaveis á deffesa desses grandes golpes mortaes. Por isso mesmo a guerra não avança senão imperceptivelmente. Só os russos, por duas vezes se deixaram envolver e romper pelos exercitos

isso em nada desmerece das qualidades espantosas desse formidavel exercito de soldados—patriotas, perante cuja organização, cuja resistencia moral e physica, cuja sciencia militar, cujo altivo heroismo os inimigos — e não os germanophobos brasileiros — são o primeiros a inclinar-se, prestando-lhes a devida homenagem.

A ruptura e o envolvimento são os supremos lances do jogo estrategico. Correspondem, no jogo do xadrez, ao cheque ao Rei e ao Cheque-Mate.

Ora, nem uma só vez, o exercito allemão se deixou romper ou envolver pelo inimigo. As manobras dos seus admiraveis generaes, tanto na retirada magistral do Marne, como na chamada batalha de Lodz, evitaram ou inutilisaram os projectos de envolvimento do adversario com uma sciencia academica. Os ingleses obtiveram tambem, em Mons, e em circumstancias difficilimas, evitar o envolvimento allemão, como o Generalissimo Joffre, com a sua celebre retirada, epilogada pela estrondosa victoria do Marne, obteve fazer frustar todas as successivas manobras de envolvimento e ruptura do Estado-Maior

O Rei Jorge V de Inglaterra passando revista ás tropas inglesas nas linhas de batalha

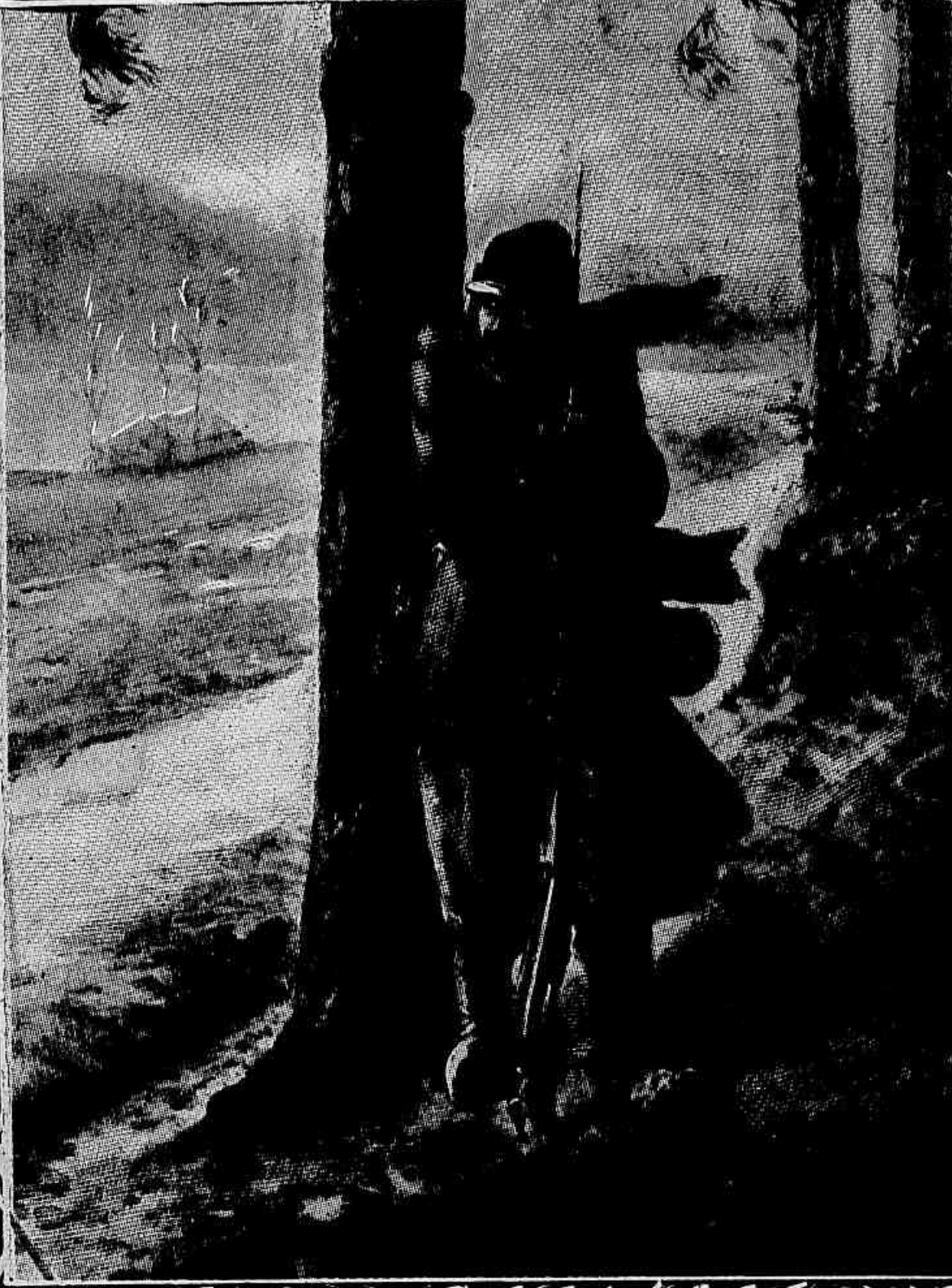




O NATAL NAS TRINCHEIRAS

A missa da meia noite celebrada por um padre-soldado

do Marechal Hindenburg: a primeira, em 29 de Agosto, na região de Tannenberg, Gilgenburg e Ortelsburg, perdendo o exercito de Narew 92.000 prisioneiros. e a segunda em 12 de Setembro, na fronteira da Prussia Oriental, perdendo o exercito de Wilna 30.000 prisioneiros e 150 canhões: victoria esta que abriu aos allemães o caminho



A FRANÇA EM ARMAS

Um soldado territorial francez guardando uma estrada

da Polonia Russa, cujas fronteiras atravessaram nos dias 13 e 14, ficando desde logo todo o distrcito russo de Suwalki submettido á administração allemã, a menos de um mez de distancia dos primeiros grandes combates feridos na Prussia Oriental, em Stalluponen (18 de Agosto), e Gumbinnen (29 de Agosto).

A HEROICA DEFESA DO CANAL DO YSER

Combate corpo a corpo entre as tropas franco-belgas e os allemães numa das passagens do canal





OS NOVOS REIS MAGOS (Composição do pintor Lucien Jonas) — E' a scena da Divina Natividade interpretada com figuras profanas, palpitantemente arrancadas das paginas da guerra. Os tres Reis Magos, são representados por tres soldados — Indú, sen-galez e arabe, — que offerecem as suas humildes riquezas a uma criança belga. Com os Reis Magos vêem-se os alliados: o soldado francez, o escossez (tocando a gaita de folles) e um marinheiro inglez... Todos trazem a criança mártir a sua Fé, a sua Dedicção...



UM QUARTEL-GENERAL DEBAIXO DA TERRA

Como um general inglês, ao abrigo das granadas, dirige um combate de trincheiras nas linhas do Yser

Em toda a longa serie de operações militares que se vem desenvolvendo nos dois theatros occidental e oriental da guerra, e depois da estupenda batalha do Marne, que immortalizou Joffre e atirou os invasores da França para a linha do Aisne, e da não menos estupenda tomada de Antuerpia, (10 de Outubro), que deixou nove decimas partes do territorio belga em poder dos allemães, o mais emocionante episodio da campanha das potencias européas é o da batalha de Lodz. Em 19 de Novembro a frente russa é rota em Piaunteck por um corpo de exercito allemão que se precipita na direcção Brezing-Rzgow-Tuszyn. As reservas russas, que defendem Petrokow, ao sul, e Lowitch, ao nordeste, recebem ordem para sustentar a offensiva allemã, e conseguem-no, envolvendo literalmente o corpo de exercito allemão, que executava a ruptura da frente russa. De Petrograd, de Londres e de Paris chovem os telegrammas, annunciando antecipadamente o aniquilamento de parte do exercito de Von Hindenburg, cercado, envolvido, capitulado! Mas esse corpo de exercito combate leoninamente, abre caminho por Strykow, ao mesmo tempo que o Marechal manda avançar outras forças de Leczica e Kutno, e os russos victoriosos, vendo-se gravissimamente ameaçados de tres rupturas simultaneas, recuam, entregam Lodz aos allemães e vão rectificar as suas linhas de Tuszyn a Lowitch, e para lá do Bzura até ao Vistula, enquanto os allemães se estendem desde Gombin até Lask!

E' um exercito assim commandado que os russos pretendem intimidar com os envolvimentos da ala esquerda, que já todas as auctoridades militares européas reconheceram recurso inefficaz ao proseguimento das operações? Seria fazer uma grave injuria

ao discernimento do Estado-Maior do Grão-Duque Constantino. E' a posse de Przemysl, na margem do San, e de Cracovia nas margens do Vistula, que abrirá as portas da Silesia aos exercitos slavos. Compreende-se, á vista disto, a suprema importancia das operações e do objectivo visado por Von Hindenburg. De posse de Varsovia, os allemães se fortificariam em toda a margem do Vistula e do San até Przemysl, passando por Sandowir, e fazendo junção com os austriacos teriam definitivamente fechado o accesso do solo allemão ás avalanches russas.

Permittimo-nos discordar neste ponto da opinião de V. V., o illustre critico da edição vespertina do "Jornal do Commercio", quando dá como degeneradas em operações de sitio, tendendo á immobilidade da guerra de trincheiras, as manobras vultuosissimas de Von Hindenburg. Sustentamos uma opinião identica quando, depois da primeira investida contra Varsovia, e após terem combatido na região de Ivangorod, os exercitos allemães recuaram e perderam em poucos dias tão vastos territorios. Mas a segunda investida, pela sua amplitude estrategica, pelas condições em que se desenvolve, servida pelas estradas de ferro russas reconstruidas, pelos potentes pontos de apoio conquistados, e pelo methodo que o general Mackensen está applicando á execução do plano do tenacissimo Hindenburg, oppuseram á nossa, aliás modesta presumpção, um desmentido formal, que ainda neste momento, e a despeito dos insucessos parciaes das armas allemãs (nenhum delles de importancia estrategica consideravel) se oppõe ao descortinio de uma guerra de usura, que está, talvez, para vir, mas que ainda não chegou.



Sua Magestade a Rainha D. Amelia, de Portugal, visitando os feridos ingleses do Hospital de Todos os Santos, em Londres.



Miss Kate

Conto de Julio
Dantas

UJE, de manhã, o meu velho creado João entrou como de costume no meu quarto, abriu de par em par a janella e disse, estendendo-me uma carta numa bandeja de prata:

— Morreu *miss* Kate, senhor doutor.

Uma luz clara e fresca de manhã de outono embebeu-se na sêda vermelha da parede, escorreu, junto de mim, como oiro fluido, pelo linho branco dos lençóis. Abri a carta. Não havia duvida. *Miss* Kate tinha morrido, às cinco horas da madrugada, em S. João do Estoril.

— Estão á espera da resposta, senhor doutor.

— Diga que vou no primeiro comboio.

Tres quartos de hora depois, ainda a calçar as luvas, eu seguia sosinho, na carruagem salão

de um expresso, a caminho do Estoril. Nunca supuz que pudesse receber com um sorriso de tão resignada ternura a noticia da morte de alguém. Recostei-me mais comodamente, acendi um *bout doré* que me envolveu numa atmospha de fumo doce, — e pensei em *miss* Kate.

Eu tinha-a conhecido, havia seguramente dez annos, em casa dos condes de ***. Viéra para *institutrice* da filha mais nova, — um demonio triqueiro e vivo como um rapaz, que ainda estou vendo de pernas nuas, a saltar na praia, debaixo dum grande chapéu de palha vermelha, e a quem nós chamavamos, na intimidade, "*mademoiselle* *Ciclone*". *Miss* Kate devia ter, então, vinte annos. Era uma irlandeza loira, graciosa, alegre, fresca, um pouco forte de espáduas, um pouco varonil de gestos, com a *beauté du diable*, que é a mais pe-

rigosa das bellezas, e com um desses sorrisos claros, sadios, nitidos, inteligentes, que revelam, na mulher, os caracteres superiores. Fez-me impressão — lembro-me bem — quando pela primeira vez a vi. Tudo aquillo que ella tocava parecia ligeiro e leve; os seus movimentos, sob a mancha loira dos cabellos, davam a impressão transparente de revoadas brancas; em volta d'ella, não sei porque, respirava-se candura e força, alegria e fé, uma immensa confiança na vida, um intraduzivel desejo de viver. Andava nos bicos dos pés, — e enchia a casa toda. A sua falla era um murmurio branco, — e todos lhe obedeciam. Havia n'ella, nos seus olhos, a impassibilidade calma e forte, a grandeza simples e tranquillã dos grandes prados verdes da Irlanda, onde a humidade fecunda das névoas se corôa de sol. Em casa, adoravam-na. Em seis annos tinha conquistado toda a gente. Quando *mademoiselle Cyclone* foi pedida em casamento e *miss Kate* declarou finda a sua missão de *ange gardien*, os condes supplicaram-lhe que não os abandonasse, que ficasse junto d'elles, como filha mais velha, como irmã mais nova. Kate pediu apenas um mez para ir a Galway, sua terra natal, beijar a mãe doente e despedir-se dos nevoeiros doirados das altas montanhas, do leite cheiroso das grandes pastagens, dos *lough* azues da sua Irlanda. Decorrido o mez, fiel á promessa que fizera, *miss Kate* voltou — mas voltou noiva. Não sabia mentir: contou tudo. Namorara-se d'ella um rapaz portuguez, segundo tenente da Armada, seu companheiro de viagem para Inglaterra. Era um moço trigueiro, forte, de olhos pretos profundos, com quem já em tempo principiara um *flirt*, e que pertencia a uma familia fidalga da Beira. Tinha partido para Londres em missão do Governo; seguia depois para a Guiné: devia estar de volta em quatro meses. E *miss Kate*, poisando em nós os seus olhos placidos e azues, fazia-nos viver da sua confiança, ser felizes com a sua felicidade, contentes com o seu longo sorriso.

Um dia, porém, de chofre, os jornaes da manhã trouxeram a noticia da morte desastrosa dum official de marinha, em Africa. Era o noivo de *miss Kate*. A pobre irlandesa não chorou uma lagrima: rezou a noite inteira no *prie-Dieu* do seu quarto, a cabeça curvada, os labios sobre um retrato d'elle. De madrugada, levaram-na do *prie-Dieu* para o leito, ardendo em febre. Passou tres dias entre a

vida e a morte. Uma noite, bruscamente, num acesso de tosse, sobreveio uma hemoptise violenta. Só então, encostada em almofadas, diante duma bacia de prata cheia de sangue, *miss Kate*, muito serena, muito tranquillã, tornou a sorrir com o seu sorriso aberto, claro, quasi alegre doutro tempo. Mas já não eram os mesmos labios que se decerravam, elasticos e vermelhos como se os alimentasse a nata fresca das vaccas pacificas de Donegal; era o espectro dum sorriso, a sombra dum extase, a imagem pallida d'uma beatitude, na expressão contente d'um ultimo desejo, d'uma aspiração suprema de toda a sua alma, de todo o seu alento: morrer. Nunca vi o aneio da morte revestir-se de maior poesia e de maior doçura. Nunca imaginei que a ideia de morrer pudesse fazer tão feliz alguem. Era *Elle* que a chamava, de longe. Quanto mais sentia que estava perdida, quanto mais a morte se approximava, — mais ella sorria, suavemente, no jubilo de tornar a vê-lo, a ouvir-lhe a voz, a sentir na pele o calor do seu hálito, a abandonar-lhe as suas mãos de raça, longas e finas como as mãos de certas figuras de Van Dyck... E a pobre *miss Kate* pedia a todos que rissem, que brincassem, que cantassem no dia feliz da sua morte, — como n'um dia de esponsais. Ainda na véspera, seguindo-lhe a respiração arquejante, com o coração confrangido da sua agonia, eu tivêra de prometer-lhe que sim, que havia de cantar quando ella morresse, — que ficaria tão alegre como se a alma d'uma creança passasse dentro de mim...

S. João do Estoril. O comboio chegou. Que admiravel manhã! O mar socegado, d'uma transparencia verde-clara, verde-alga, verde-ouro, alongava pela praia os seus grandes braços de espuma. O ar claro e fresco dava a impressão de que se caminhava debaixo d'um immenso pálio luminoso. Uns passos mais, e encontrei-me junto ao portão de ferro da villa F. Todas as janellas estavam abertas. Os criados receberam-me vestidos de claro. Subi e assomei ao quarto da morta. O sol entrava a jorros. Uma voz, ali perto, cantava. A um canto, no sitio onde costumava estar o leito, debaixo d'um montão de flores, uma face branca feliz, com as palpebras fechadas, sorria. Era *miss Kate*. Pela primeira vez na minha vida, fiz da morte uma ideia alegre, cantante e carinhosa. Atirei para longe as minhas luvas pretas, debrucei-me á janella a tomar a largos sorvos o ar puro do oceano' — e dahi a pouco, não sei porque, sentindo em volta de mim um perfume vivo de rosas bravas, tive a impressão de que *miss Kate* tinha casado n'aquella manhã...



Cartas a um Janota



Eu me tem, pela condescendência amável da *Revista da Semana*, cumprindo a minha promessa. Nesta primeira lição de dialogo espirituoso deveremos seguir o methodo do Berlitz: decorar phrases feitas.

Os grandes conversadores trabalham, pôde crêr-me, com phrases feitas. E' muito mais facil e seguro ter espirito por conta dos mestres da ironia. Não ha receio de que nos tomem por tolos quando citamos phrases de Voltaire, de Chamfort, de Alphonse Karr, de Eça de Queiroz, de Dumas Filho, de Machado d'Assis. Tenhamos, pois, a philosophia dos grandes philosophos, o humorismo dos grandes humoristas, a ironia dos grandes ironistas, e confiemos imperturbavelmente na ignorancia do proximo para fazer passar por nossas as phrases alheias. Demais, estamos sempre a tempo, quando nos observam: — « Já ouvi esse pensamento! » de responder: — « Nem outra cousa era de esperar da sua cultura. E' um pensamento de... » E cita-se o autor.

E', como vê, uma sorte de prestidigitação ao alcance de todos.

Dicto isto, que nos parece essencial, reunamos o primeiro grupo de phrases, que podem servir-lhe ás necessidades *prementes* (palavra predilecta do General!) de uma conversa de salão, invocando o pensamento analytico de Loris Byron: « Uma confiança atrevida não desagrada ás mulheres », que lhe servirá de programma no decurso da sua accidentada carreira mundana.

Exemplos lapidares de impertinencia:

« Pela assiduidade conquistam-se as mulheres, e pela negligencia conservam-se » — Desnoyers.

« A mulher não ama; ama-se ». — Bartrina.

« Quando uma mulher tem de renunciar á gloria de agradar, resta-lhe ainda uma ultima coquetteria: a de não desagradar. » — Dumas Filho.

« O menor defeito das mulheres galantes é a galanteria ». — La Rochefoucauld.

« Desde que a uma mulher se pode dizer alguma cousa, diz-se-lhe tudo ». — Dupuy.

« Se Deus fez a mulher, a serpente completou-a. » — Casimir Dumas.

« O que salva a maior parte das mulheres é o impossivel ». — Brantôme.

« A maior parte das mulheres não estimam os homens senão pela sua força *physica* e pela sua fraquesa moral ». — Voltaire.

« E' talvez menos difficil triumphar da virtude de uma mulher do que da sua aversão ». — Beauchêne.

« Uma mulher de dezete annos deixa-se amar; uma mulher de trinta annos faz-se amar. » — Ricard.

« Desconfiae de uma mulher distraida: é um lynce que vos está observando ». —

Alphonse Karr.
« Uma mulher boa é mais rara do que um corvo branco ». — S. Gregorio.





«A mulher é um demónio muitíssimo aperfeiçoado». — Victor Hugo.

«De todos os animaes, são os gatos, as moscas e as mulheres que perdem mais tempo com a sua toilette». — Charles Nodier.

«Em amor, a mulher virtuosa diz não; a apaixonada, sim; a caprichosa, sim e não; a coquette, nem sim nem não». — Frederic Soulié.

«As mulheres só teem de bom o que teem de melhor». — Chamfort.

Podíamos proseguir, juntar a estas poucas phrases, dezenas, centenas, milhares de outras phrases. Não convem que nos precipitemos. Partamos do simples para o composto.

Respeitemos o methodo Berlitz. A experiencia demonstra a sua superioridade. Não nos metamos a querer melhorar o perfeito, pois quasi sempre o redusimos ao peor.

Na construcção de um dialogo espi-rituosamente impertinente, estas maximas representam apenas o mesmo papel elementar dos dez primeiros substantivos do tantas vezes citado (sem reclame) methodo Berlitz.

Continuaremos, complicaremos, requintaremos, amontoaremos os materiaes da grande obra.

Mas hoje, não. Hoje, faz muito calor. Fiquemos por aqui.

E' indispensavel que retenha de memoria este primeiro grupo substan-

cial de grandes phrases. Aprenderá, depois, talvez a imital-as. Não se surprehen-da. E' tudo uma questão de tirocinio. Nada ha mais facil do que imitar um grande homem: não podendo ser Sha-kespeare, Calino! Esta tarefa requer, porém, pratica, audacia, aplomb, e, como estamos em Fevereiro, uma abundante transpiração.

P. N.



O pintor hespauhol Mariano Felez, que na Galerla Jorge inaugurou a exposição de suas obras



A victima de 1 de Fevereiro

Não se desvaneceu ainda o sentimento unanime de reprobção indignada com que, na noite de 1 de Fevereiro, a população do Rio recebeu, ha 7 annos, a noticia telegraphica do assassinio do Rei D. Carlos de Portugal e de seu filho primogenito, S. A. D. Luiz Felipe. O Brasil preparava-se para receber a visita do soberano da nação *mater*, representante da tradição historica common ás duas nacionalidades. Aprestavam-se as obras do Palacio Guanabara, onde o monarcha portuguez seria hospedado. Trabalhava-se afanosamente na construcção dos pavilhões da exposição na Praia Vermelha, que deveria ser inaugurada pelo Rei de Portugal, cuja visita representava a maior solemnidade da America independente.

O programma dos festejos fôra já discutido, organizado, communicado para Lisboa.

A expectativa jubilosa, que se propagava a todo o Brasil, foi sinistramente surprehendida pela tragedia hedionda, que não encontrou justificação ou attenuante mesmo entre os então ainda raros republicanos da Colonia portuguesa.

Unanimemente, clamorosamente, os jornaes brasileiros condemnaram em termos de inflexivel severidade a feroz emboscada do Terreiro do Paço, e as duas nações viveram então, pelo sentimento, uma das horas de mais intima communhão em que se teem encontrado desde o divorcio da independencia.

Sete annos passaram. Sete annos!

O tempo vóa! A Republica, encontrando o caminho desobstruido pelo energico e varonil monarcha, tombado no seu posto de rei e de soldado por um tiroteio de assassinos, triumphava dois annos depois por uma revolta de quartéis secundada pela associação secreta dos Carbonarios. A vida da institui-

dade da assistencia a essas cerimoniaes religiosas, que os annos não esfriaram nos corações dos portugueses o culto de saudade pelo infeliz soberano, que tão cruelmente expiou o delicto de uma politica por elle condemnada e que pretendeu expungir dos seus erros, sacrificando a essa obra de saneamento o commodismo da sua irresponsabilidade de rei constitucional.

Por um phenomeno raro na Historia, a execução barbara de D. Carlos coincidiu com o triumpho solemne da sua grandiosa obra diplomatica, foi o coroamento ingrato e sanguinario da sua grande tarefa patriótica. E', justamente, quando o rei obtivera fazer ingressar de novo a nação entre o numero privilegiado das nacionalidades que contam no complexo politico do mappa europeu, quando elle conquistava pelos seus talentos pessoaes, pelo seu habilissimo tacto, pela sua superioridade de vistas, as sympathias universaes, que uma bala o prosta, como um ente malefico. Esta monstruosa injustiça acha se sufficientemente explicada

por longos debates para que seja necessario insistir nella.

Os recentes acontecimentos que se produsiram na politica portuguesa são de natureza a deixar em duvida o Brasil se para alguma cousa valeu ao tão experimentado Portugal a honra lugubre de figurar entre os paizes regicidas!

As instituições republicanas, num periodo que já excede quatro annos, não puderam ainda consolidar-se e offerecer á nação os beneficios de liberdade que são a justificação das democracias.



ção republicana tem sido, porém, atribulada. Dir-se-ia que o sangue das victimas de 1 de Fevereiro lhe trouxe a má fortuna com que a Justiça imanente da Divindade pune as acções criminosas.

Para commemorar o luctuoso anniversario resaram-se em diversos templos do Rio missas em suffragio das almas dos assassinados.

Verificou-se, na quantidade e quali-

Club de Natação e Regatas

O Pic-Nic
dos
"Jagunços" e
"Intransigentes"



O « pic-nic » - promovido pelo Club de Natação e Regatas na pittoresca ilha do Engenho, para comemorar as victorias obtidas na temporada sportiva, foi uma festa encantadora, que deixou uma inolvidavel impressão de agrado nos numerosos e distinctos convidados, para quem os promotores da alegre diversão foram de uma amabilidade captivante.

A barca, antes de atracar á ilha do Engenho, proporcionou aos convidados

1 — A chegada da barca Segunda á ilha do Engenho. 2 — O desembarque. 3—Um grupo de convidados na ilha de Paqueta



1 — Senhoritas que concorreram à "corrida do ovo na colher". Vencedora, Mlle. Nair Drysdal. 2 — A premiada no concurso de Bellesa, Mlle. Irêne de Oliveira. 3 — Grupo de convidados.

do Club um agradável passeio pela bahia, indo até Paquetá, onde um numeroso grupo desembarcou. Depois do almoço foi executado um interessante programma de diversões com valiosos premios.





1 — Um aspecto do desembarque dos utensílios para o "lunch", na ilha do Engenho.
2 — Uma excursão alegre à Ilha de Paqueta.



3 — Na bareta Segunda

Na pessoa do sr. Lamar-tine Alves, 1º Secretario do Natação, a *Revista da Semana* agradece a maneira penho-rante por que foi obsequia-do o seu representante pho-tographico.



Póde V. Ex. apontar uma outra marca de cigarros que possua taes predicados?

José Francisco Corrêa & Comp.
Assembléa, 94-98--Rio

QUANDO V. EX.

Precisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de effeito mais seguro, porque um máo remedio poria em risco a sua vida.

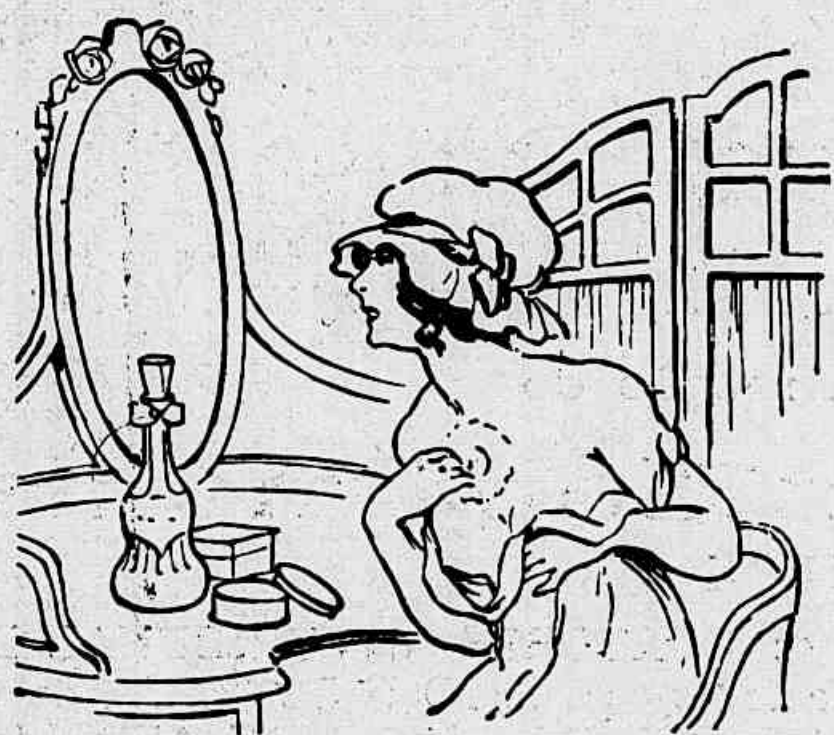
PORQUE RAZÃO

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas?

TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

SÃO hygienicos,
SÃO agradaveis,
SÃO os cigarros do Grand Chic,
SÃO perfumados,
NÃO atacam o estomago,
NÃO arruinam o systema nervoso.



O Pó de Arroz Hygienico

DE

Mme. SELDA POTOCKA

é o melhor preservativo da pelle contra os effeitos do sol

A' venda no

PARC ROYAL

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico.

Rua do Ouvidor 151

Rua da Quitanda 79

(Canto Ouvidor)

FILIAL:

Rua Rosario n. 26

(S. PAULO)



1 — Um aspecto do desembarque dos utensílios para o "lunch", na ilha do Engenho.
2—Uma excursão alegre à Ilha de Paqueta.



3—Na bareta Segunda

Na pessoa do sr. Larmatine Alves, 1º Secretario do Natação, a Revista da Semana agradece a maneira penhorante por que foi obsequiado o seu representante photographico.



QUANDO V. EX.

Precisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de effeito mais seguro, porque um máo remedio poria em risco a sua vida.

PORQUE RAZÃO

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas?

TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

SÃO hygienicos,
SÃO agradaveis,
SÃO os cigarros do Grand Chic,
SÃO perfumados,
NÃO atacam o estomago,
NÃO arruinam o systema nervoso.

Póde V. Ex. apontar uma outra marca de cigarros que possua taes predicados?

José Francisco Corrêa & Comp.
Assembléa, 94-98---Rio



O Pó de Arroz Hygienico

DE

Mme. SELDA POTOCKA

é o melhor preservativo da pelle contra os effeitos do sol

A' venda no

PARC ROYAL

O LOPES

É quem dá a fortuna mais rapida
nas Loterias e offerece
maiores vantagens ao publico.

Rua do Ouvidor 151

Rua da Quitanda 79

(Canto Ouvidor)

FILIAL:

Rua Rosario n. 26

(S. PAULO)



GRAÇAS

A'S

Gottas Salvadoras das Parturientes

DO DR. VAN DER. LAAN,

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento, durante o ultimo mez de gravidez, terá um parto rapido e feliz.

Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

DEPOSITARIOS GERAES

ARAUJO FREITAS & C.

RIO DE JANEIRO

Vende-se em todas as Pharmacias e Drogarias

LEGISLAÇÃO E JURISPRUDENCIA DO BRASIL

Publicação mensal sob a direcção do

Dr. Candido Mendes de Almeida
Maio e Junho de 1914

Grosso fasciculo de quasi 400 paginas contendo:
A indicação minuciosa de todos os actos do Poder Legislativo e Executivo Federaes de Maio e Junho de 1914 e a integra dos textos do Decreto que autorisa o Presidente da Republica a contrahir o emprestimo necessario para solver as despesas legalmente ordenadas, o que approva os estados de sitio declarados pelo Poder Executivo, o NOVO REGULAMENTO DA CASA DE DETENÇÃO DA CAPITAL FEDERAL, a REORGANISAÇÃO DA PROCURADORIA DA REPUBLICA NO DISTRICTO FEDERAL, etc., etc.

O texto de todos os CENTO E CINCO ACCORDAMS DO SUPREMO TRIBUNAL FE-

DERAL, os QUATORZE do TRIBUNAL DE CONTAS e todos os CENTO E SETENTA de todas as CAMARAS DA CORTE DE APPELLAÇÃO publicados em audiencias de Maio e Junho de 1914, com os respectivos votos vencidos e as sentenças confirmadas.

Os Avisos Forenses com a indicação pormenorizada de todos os Tribunaes e Juizes com séde no Districto Federal, nomes, residencias, cartorios, dias de audiencias, etc.

Indices alphabeticos, muito minuciosos e indice geral em 120 paginas, do segundo trimestre de 1914 que constitue o vol. III da "Legislação e Jurisprudencia do Brasil".

Fasciculo avulso de Maio e Junho.....	8\$000
Vol. I (Outubro, Novembro e Dezembro de 1913).....	10\$000
Vol. II (Janeiro, Fevereiro e Março de 1914).....	12\$000
Vol. III (Abril, Maio e Junho de 1914).....	13\$000
Assignatura annual	30\$000

No prelo o fasciculo de Julho de 1914

Redacção -- Avenida Rio Branco 112, 1º andar -- Telephone Central 1394

UM LIVRO NOTAVEL
COMO SE TRIUMPHA NA VIDA

Meios e qualidades que
permitem alcançar
exito e fortuna

Segue os conselhos d'este livro e a tua vida de
mediocre e miseravel se tornará facil, interes-
sante e elevada. Serás um homem superior e
conseguirás a fortuna. Serás querido e res-
peitado

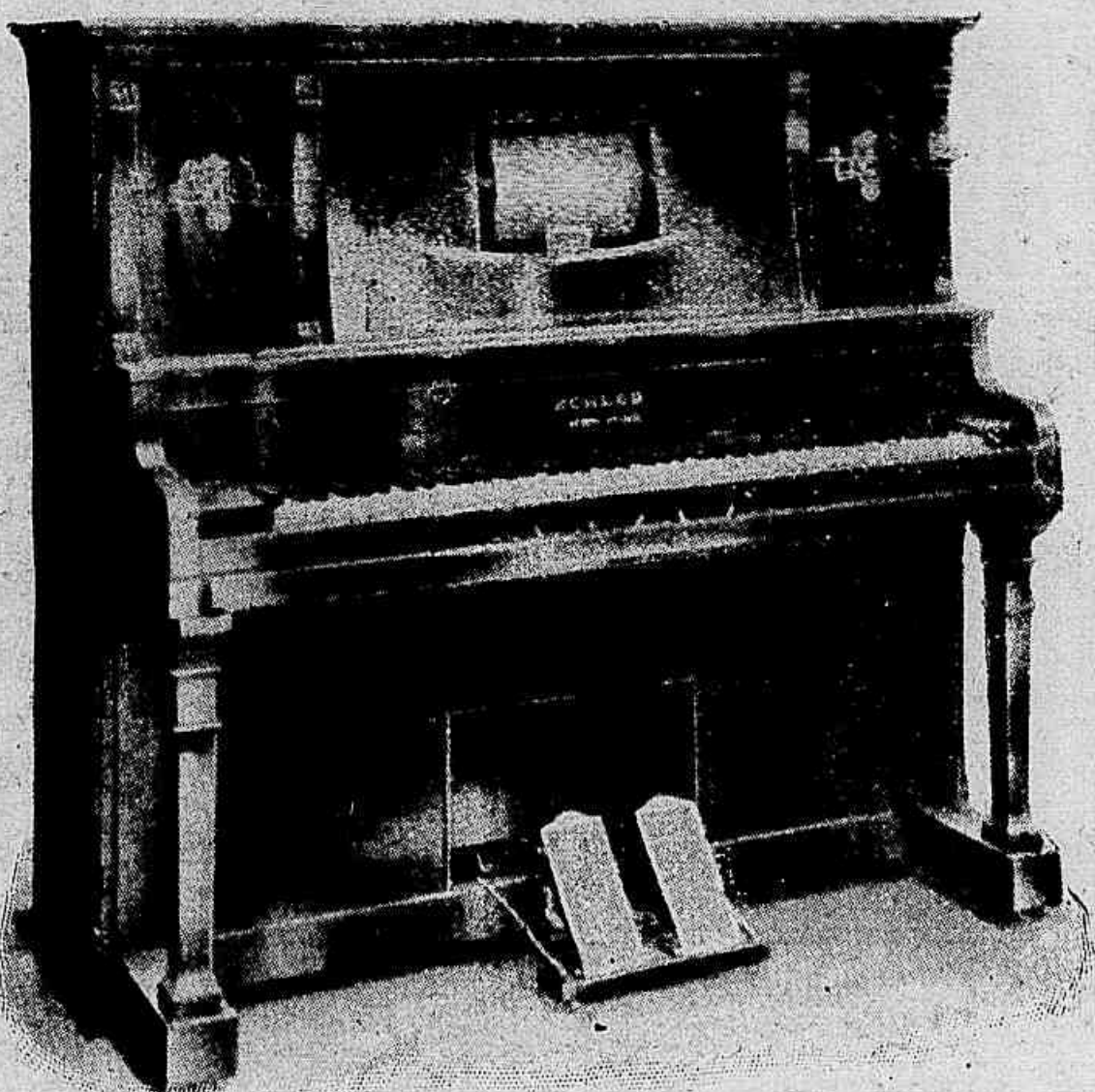
Um volume de 226 paginas
custa apenas 2\$000 réis

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"

110 — Avenida Rio Branco — 112

REX

O MELHOR PIANO AUTOMATICO



24\$
SEMANAES

CLUBS

CASA STANDARD